

CADERNOS DE LIDERANÇA MILITAR

Volume 2 - 2º Semestre de 2022



Sargento Max Wolf Filho:
um líder em combate



Cadernos de Liderança Militar

Assessoria de Liderança e Valores Militares (ALVM)

Expediente

Chefe

Cel R1 Elias Ely Gomes Vítório

Seção de Planejamento, Coordenação e Acompanhamento

Cel R1 Jucenilio Evangelista da Silva

Ten Cel R1 Ivan Xavier

Seção de Pesquisa

Cel R1 Denis de Miranda

Maj R1 Edgley Pereira de Paula

Profa. Dra. Débora Castilho Duran Prieto Negrão de Souza

Edição

Profa. Dra. Débora Castilho Duran Prieto Negrão de Souza

Maj R1 Edgley Pereira de Paula

Produção e Projeto Gráfico

Profa. Dra. Débora Castilho Duran Prieto Negrão de Souza

Auxiliares administrativos

Cap R1 Edson Pereira de Carvalho

Soldado Luiz Carvalho

Diagramação

3º Sgt Tatiane Duarte

Revisão

Cel R1 Edson de Campos Souza

Cadernos de Liderança Militar / Departamento
de Educação e Cultura do Exército - vol. 1, n.2
(2022) - Rio de Janeiro: DECEX, 2022 - Semestral.

188 p.: il.; 23 cm.

1. Ciências Militares. 2. Liderança.
I. Brasil. Departamento de Educação e Cultura
do Exército.

CDD 355



**2º Sargento Max Wolf Filho
(1911-1945)**



Apresentação

***Cel R1 Elias Ely Gomes Vitória**

A Assessoria de Liderança e Valores Militares tem a honra de lhes apresentar o segundo volume dos CADERNOS DE LIDERANÇA, nos formatos físico e eletrônico. O objetivo das reflexões contidas neste trabalho é ressaltar a importância do exercício da liderança militar em todos os níveis de comando, bem como buscar contribuir para incrementar, ainda mais, a capacidade de liderança dos militares do Sistema de Educação e Cultura do Exército (SECEX). Ademais, também tem o propósito de inspirar todos os leitores deste Caderno, especialmente aqueles que se interessam pela temática da liderança.

O primeiro volume do Caderno de Liderança focou nos ensinamentos do general de divisão Octávio Costa, que integrou a Força Expedicionária Brasileira (FEB), durante as batalhas da Segunda Guerra Mundial. O segundo, por sua vez, aborda os ensinamentos colhidos dos exemplos de outro herói brasileiro, que trabalhou com o Gen Octávio Costa na FEB, o 2º sargento de infantaria Max Wolf Filho, conhecido como o Rei dos Patrulheiros.

Os artigos contidos neste Caderno revelam por que o Sgt Max era reconhecido por todos como líder exemplar de sua fração e profissional das armas digno de ser considerado um exemplo para todos. Seu amor pela pátria e culto à bandeira do Brasil eram evidentes, bem como sua fé na missão do Exército e seu aprimoramento técnico-profissional faziam dele um guerreiro exímio, digno da confiança dos seus liderados, pares

*Elias Ely Gomes Vitória é coronel R1 QEMA da arma de infantaria, da turma de 1991. É psicopedagogo e doutor em Administração Pública e de Empresas pela FGV. Foi comandante do 17º Batalhão de Fronteira, diretor de ensino do Centro de Instrução de Operações no Pantanal, instrutor na ECEME e chefe de gabinete da Diretoria de Educação Preparatória e Assistencial (DEPA). Atualmente é o chefe da Assessoria de Liderança e Valores Militares do DECEX.

e superiores. Ele desenvolvia nos seus homens a união e o espírito de corpo, pois possuía disciplina, coragem, vigor físico, lealdade, controle emocional e dava o exemplo. Para além dessas qualidades, valorizava e se preocupava com os seus subordinados, a ponto de se tornar conhecido pela forma paternal como liderava a sua fração.

Entre os artigos deste volume, encontra-se registrado que, por ocasião do falecimento do Sgt Max Wolf Filho, o Gen Euclides Zenobio da Costa enviou uma carta à mãe desse valoroso guerreiro do Exército Brasileiro, dizendo: “Ninguém o ultrapassou em lealdade, desprendimento, destemor e espírito de sacrifício. Pedia amiúde para ser incluído nas patrulhas que, altas horas da noite, iam em busca do contato com o inimigo. Portou-se como um verdadeiro soldado. Nada o demovia do cumprimento do dever: nem o frio inclemente, nem o inimigo rancoroso e destemido”.

Muitas profissões, na sociedade, possibilitam que o trabalho seja realizado por apenas uma pessoa, no entanto a profissão militar é diferente, pois depende da sinergia, que é coletiva, uma vez que não se combate sozinho. Seja um pelotão, uma companhia ou até um corpo de exército, sempre haverá um comandante, e este deverá valer-se de sua capacidade de liderança para aumentar o moral da tropa e despertar nos seus comandados a motivação e o ânimo para o combate. Não por acaso, a história comprova a importância dos líderes militares para o cumprimento das missões com excelência.

Os autores deste Caderno realizaram pesquisas sobre história militar, garimparam ensinamentos com esmero e elaboraram reflexões com dedicação para que os leitores possam desfrutar de uma leitura rica e transformadora. Aproveitem!

Editorial

Prezados Leitores,

A Assessoria de Liderança e Valores Militares (ALVM) do DECEX tem a honra de convidá-los à leitura do segundo número dos Cadernos de Liderança Militar. Com o objetivo de fomentar a reflexão sobre assuntos atinentes à prática da liderança e aos valores militares, este volume se debruça sobre a figura histórica do sargento Max Wolf Filho, herói da Força Expedicionária Brasileira (FEB). Exemplo de líder militar das pequenas frações nas fadigas dos combates, Max Wolf deu sua vida em proveito do cumprimento da missão nos campos de batalha no norte da Itália, no contexto da Segunda Guerra Mundial.

Usando como mote esse singular líder militar, diversos autores apresentam suas análises e pensamentos, que nos ajudam a descortinar esse fundamental tema para qualquer exército moderno – que é o exercício da liderança direta praticada no dia a dia nos corpos de tropa. De fato, os textos partem das próprias histórias contadas por testemunhas oculares que conviveram com o sargento Max Wolf. Os relatos memorialísticos e fontes documentais são tomadas como ponto de partida para analisar seus feitos e condutas como exemplo e fonte de inspiração para o jovem líder militar nos dias de hoje.

Um dado curioso, que acaba por ligar o primeiro ao segundo número dos Cadernos de Liderança Militar, advém da conexão do primeiro homenageado, general Octávio Costa, com o sargento Max Wolf. Em 12 de abril de 1944, nas cercanias da vila de Montese, foi o general, então primeiro-tenente de operações do batalhão, que, acompanhando de binóculo a progressão da patrulha do sargento Max Wolf, viu a rajada de metralhadora alemã que ceifou a vida do nosso herói. Perguntado quem teria tombado, disse, cerrando os dentes: “– Foi o Max...”. Em suas memórias posteriores à guerra, assim se referiu o general ao sargento Max Wolf: “Tínhamos, em nosso batalhão, um sargento que, para mim, foi o maior combatente que conheci em minha vida. Trata-se do sargento Max Wolf Filho, que eu conheci de perto e que vi, inclusive, morrer.”

Assim, temas como coragem, vigor físico, lealdade, confiança, espírito de corpo e, acima de tudo, o exemplo que o líder deve ser para seus liderados permeiam as variadas e relevantes perspectivas apresentadas neste caderno. Outras abordagens exploram, ainda, o legado que esse marcante personagem deixou para a atual formação do sargento do Exército Brasileiro. Max Wolf Filho foi e continua sendo a expressão de uma liderança militar estimulante e desafiadora, sobretudo para os novos alunos da Escola de Sargentos das Armas.

Boa leitura!

Os editores

Sumário

Sargento Max Wolf Filho: o valor de um herói <i>Gen Ex Flavio Marcus Lancia Barbosa</i>	11
Por uma liderança em combate calcada nos valores militares brasileiros <i>Maj R1 Edgley Pereira de Paula</i>	17
Max Wolf filho: um exemplo, um líder, um sargento da FEB <i>Maj R1 Elton Licério Rodrigues Machado</i>	37
Um adjunto de pelotão nos combates da Itália <i>Maj Anderson Salvador da Silva</i>	51
O museu do Expedicionário e a memória do sargento Max Wolf Filho <i>Cel R1 Said Zendim</i>	65
Sargento: liderança conquista-se pelo exemplo <i>Cel R1 Marcelo de Freitas Ferreira</i>	83
20º Batalhão de Infantaria Blindado – Batalhão Sargento Max Wolf Filho	97
Entrevista – 1º Tenente Edi Carlos Bernadino <i>Maj R1 Edgley Pereira de Paula e Profa. Dra. Débora Duran</i>	113
Uma nova escola de sargentos para formar o líder de pequena fração preservando valores e tradições <i>Gen Div R1 Joarez Alves Pereira Júnior</i>	131
Os desafios educacionais relacionados à formação do sargento para o enfrentamento das demandas operacionais do século XXI <i>Gen Div Vinicius Ferreira Martinelli</i>	145
A importância do treinamento físico no combate real <i>1 Sgt Inf Victor Hugo do Carmo Gama</i>	163
A atualidade da liderança do Sargento Max Wolf Filho <i>Profa. Dra. Débora Duran</i>	169
Programa de Leitura: O Espírito do Guerreiro <i>Profa. Dra. Débora Duran</i>	181



Sargento Max Wolf Filho, o valor de um herói

***Gen Ex Flavio Marcus Lancia Barbosa**

O Departamento de Educação e Cultura do Exército (DECEEx) tem a honra de ressaltar, neste trabalho, a liderança militar do 2º sargento Max Wolf Filho, morto em combate, que deixou um grande exemplo de patriotismo, espírito de corpo e aprimoramento técnico-profissional, dentre outras manifestações do valor militar.

O Sgt Max foi um valoroso comandante de fração de pelotão, que liderava seus subordinados empregando toda a sua capacidade, caráter e experiência castrense; e por isso conquistava o coração dos seus liderados e alcançava a excelência no cumprimento das missões. Como praça e combatente da Força Expedicionária Brasileira (FEB), serve de exemplo para todos nós, especialmente para os alunos das nossas escolas de formação e aperfeiçoamento de sargentos.

* Flavio Marcus Lancia Barbosa é general de exército oriundo da arma de artilharia, da turma de 1984. Além dos cursos brasileiros da carreira militar, realizou o Curso de Estudos de Defesa e Estratégia na Universidade de Defesa Nacional do Exército da República Popular da China e o Estágio de Instrutor na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército dos EUA. Foi instrutor, observador militar, comandante do 3º Grupo de Artilharia de Campanha Autopropulsado – Regimento Mallet, da Artilharia Divisionária da 5ª Divisão de Exército, diretor de Educação Preparatória e Assistencial, 4º subchefe do Estado-Maior do Exército e vice-chefe do Estado-Maior do Exército. Atualmente é o chefe do Departamento de Educação e Cultura do Exército (DECEEx).

O segundo volume dos Cadernos de Liderança traz um resgate da História Militar Terrestre, com um dos heróis da FEB, força essa destacada para combater o nazifascismo no teatro de operações europeu. Trata-se de um tema direcionado para o exercício da liderança direta, nos pequenos escalões, particularmente, das praças, no ambiente caótico da guerra.

As escolas de formação e aperfeiçoamento do Exército Brasileiro (EB), particularmente as de sargentos, encontram na figura do Sgt Max Wolf Filho um modelo de bravura, intrepidez e abnegação. Esses atributos são fundamentais ao militar que, ao enfrentar os mais diferentes desafios para o cumprimento da sua missão, deve responder a eles com resiliência e determinação. A história de bravura desse valoroso herói de guerra brasileiro justifica que o seu nome tenha sido escolhido como denominação histórica da Escola de Sargentos das Armas (ESA), em Três Corações/MG e do 20º Batalhão de Infantaria Blindado, em Curitiba/PR. Ainda, baseado no estoicismo desse bravo combatente, o EB criou a Medalha Sargento Max Wolf Filho para condecorar subtenentes e sargentos das Forças Armadas, em serviço ativo, que tenham se destacado pela dedicação à profissão e pelo interesse no seu aprimoramento.

“

O mundo pós-moderno, em decorrência da globalização e do fenômeno da conectividade, tem permitido a aproximação das culturas, a criação de novos hábitos e a aquisição de conhecimentos com maior dinamismo. Na Era do Conhecimento são inúmeros os benefícios trazidos pelo avanço tecnológico, que facilitam as trocas de informações, as dinâmicas de trabalho e as práticas de ensino e de aprendizagem.

”

Paralelamente a essa mudança tecnológica e social, os hábitos e costumes das sociedades sofreram transformações, até mesmo com significativas mudanças culturais, que refletem em nossas escolas, uma vez que recebemos jovens oriundos da sociedade brasileira. Dessa realidade surge um desafio, o de transformar os jovens alunos em guerreiros, possuidores do valor militar, ou seja, a educação militar deve sempre estar alicerçada nos valores, na ética e nos deveres militares. Reforçando o caráter militar (SER), bem como o aprimoramento técnico-profissional, teremos militares dignos de confiança e credibilidade, bases fundamentais da liderança militar.

As escolas do Sistema de Educação e Cultura do Exército (SECEEx) sempre formaram comandantes com a capacidade de liderança; por isso, o lema do DECEEx é: “preservando valores, forjando líderes”. Ainda, o SECEEx possui tradição de inovação, pois está alinhado com as ideias do marechal Castello Branco, de sempre buscar a mudança para melhor.

A criação da Assessoria de Liderança e Valores Militares (ALVM) do DECEEx é uma dessas iniciativas que já vem contribuindo para o início da sistematização das ações voltadas ao desenvolvimento da liderança no âmbito dos estabelecimentos de ensino subordinados ao DECEEx. Como afirma o general de exército Novaes (2022), Comandante Militar do Leste (CML), então chefe do DECEEx, no primeiro Caderno de Liderança:

com a criação da ALVM, o DECEEx espera entregar ao Exército oficiais e sargentos mais competentes nos aspectos atitudinais, como valores e liderança, com claros reflexos para o poder de combate da Força Terrestre da Era do Conhecimento.

Na atual edição, encontram-se vários artigos valiosos, dentre eles os textos redigidos pelo antigo vice-chefe do DECEEx, general de divisão R1 Joarez, e pelo antigo diretor de Educação Técnica Militar, hoje comandante da 7ª Divisão de Exército (Recife-PE), general de divisão Martinelli.

Todos os autores deste segundo Caderno de Liderança deixam evidente o esforço do Exército Brasileiro para aprimorar a formação do sargento combatente de carreira, bem como apresentam outros temas de interesse profissional para todos os militares.

Inspirado nas memórias comemorativas dos 77 anos da FEB, o Comandante do Exército ressalta que o desenvolvimento da liderança militar, no âmbito do DECEX, é exemplar em todos os níveis.



“
Considerando a importância do ensino da liderança, seja na rotina da caserna, seja no emprego operacional, o DECEX prioriza a capacitação dos recursos humanos em verdadeiras Escolas de Líderes, tornando-os capazes de enfrentar os desafios do mundo moderno. A recordação das trajetórias de nossos heróis do passado serve de estímulo e exemplo à formação e ao constante aperfeiçoamento das características que distinguem o profissional das armas. **
”



** Palavras do Gen Freire Gomes na Piazza Brasile, Montese, Itália, por ocasião da comemoração dos 85 anos do DECEX.



Parabenizo a equipe da ALVM/DECEEx, os autores dos artigos, bem como todos aqueles que contribuíram para a consecução desta prestimosa e valiosa obra sobre liderança militar. O DECEEx permanece com a missão principal de promover a educação, a cultura, a pesquisa e o desporto no EB, com a busca permanente pela excelência na educação, firmeza na preservação dos nossos valores, bem como na valorização da história e da cultura nacional, sempre com eficácia e efetividade nos seus resultados. Dessa maneira, prosseguiremos forjando os líderes do futuro.

Uma ótima leitura!



Por uma liderança em combate calcada nos valores militares brasileiros

***Maj R1 Edgley Pereira de Paula**

“Porque, Sr. presidente, nos exércitos em campanha, logo depois dos primeiros combates, crea-se uma aristocracia de valor; e certos officiaes, e mesmo praças de pret adquirem pelos actos de coragem que praticam crédito de valentes; todos os outros os reconhecem como taes. Esses bravos dahi em diante continuam a ser olhados com reverência por seus companheiros.”

Duque de Caxias, em sessão do Senado de 15 de julho de 1870

As fadigas e as exaustões na guerra constituem duras provas que estão para além do campo puramente físico ou até mesmo psicológico do combatente em campanha. A história dos acontecimentos militares nos revela que os rigores que são exigidos do soldado no quotidiano das marchas e manobras militares possuem uma outra fundamental dimensão que sugere para a importância da identidade e do pertencimento a algo maior, mítico, que os motive a lutar.

Abro esta reflexão com uma fala em epígrafe do próprio Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias. Numa sessão do Senado do Império, logo após o fim da Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai (1865-1870), esse incontestado líder militar estava sendo questionado sobre sua conduta no comando das tropas brasileiras. Explicava o experimentado e velho general que, nas lides de combate, nas refregas e choques, surge uma “aristocracia de valor”, ou seja, um pequeno grupo de homens que, postos à prova, respondem diferentemente de outros, a quem ele chama de “bravos”.

* Edgley Pereira de Paula é major R1 do Quadro Complementar de Oficiais (QCO/História), da turma de 2004. Bacharel, licenciado e mestre em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, está prestes a defender sua tese de doutoramento em História Contemporânea na Universidade de Coimbra, Portugal. Atua como consultor cultural e pesquisador em diversas instituições, inclusive na Assessoria de Liderança e Valores Militares do DECEX, na qual é editor dos Cadernos de Liderança.



A coragem e a valentia certamente são importantes características desses indivíduos singulares e aqui passo a comentar sobre o personagem histórico do sargento Max Wolf Filho. Adestrado militar, integrante da Força Expedicionária Brasileira (FEB) ao longo da Campanha da Itália na Segunda Guerra Mundial, foi um exemplo de abnegação, destemor e intrepidez para os seus camaradas de armas que com ele conviveram e foram testemunhas oculares dos seus feitos durante diversas operações na frente de combate em constante contato com o inimigo nazifascista.

“

O sargento Max Wolf Filho foi um típico brasileiro do seu tempo. Nascido em Rio Negro, no interior do Paraná, membro de uma família simples de imigrantes, sentou praça no Exército no extinto 15º Batalhão de Caçadores, atual 20º Batalhão de Infantaria Blindado, sediado em Curitiba/PR. Integrando essa organização militar, participou da Revolução de 1930 e combateu os revoltosos paulistas na Revolução Constitucionalista de 1932. Com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, em 1944, alistou-se voluntariamente para compor a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (1ª DIE), criada para lutar nos campos de batalha da Europa. À época, Max Wolf estava servindo na polícia do Rio de Janeiro, então Capital Federal.

”

Foi designado para integrar a 1ª Companhia do 1º Batalhão do 11º Regimento de Infantaria de São João d'El Rei/MG. Em terras italianas, logo se tornou popular entre a tropa, pelo destemor nas missões e a forma paternal de liderar seus subordinados. Já veterano, sua fama corria longe, tanto que era requisitado para todas as ações de patrulha do batalhão, o que lhe valeu a alcunha de “Rei dos Patrulheiros”.

Interessante verificar que a FEB, uma vez testada nos campos de batalha, foi se adaptando às novas técnicas e táticas da doutrina americana na qual estava inserida (IV Corpo do V Exército Americano), assim como às especificidades que os novos armamentos e o montanhoso terreno italiano impunham às tropas. Nessa perspectiva, no conceito do dia a dia da tropa brasileira, eram necessários três a quatro meses na linha de frente para que o “novato pracinha” se transformasse em um experiente combatente.

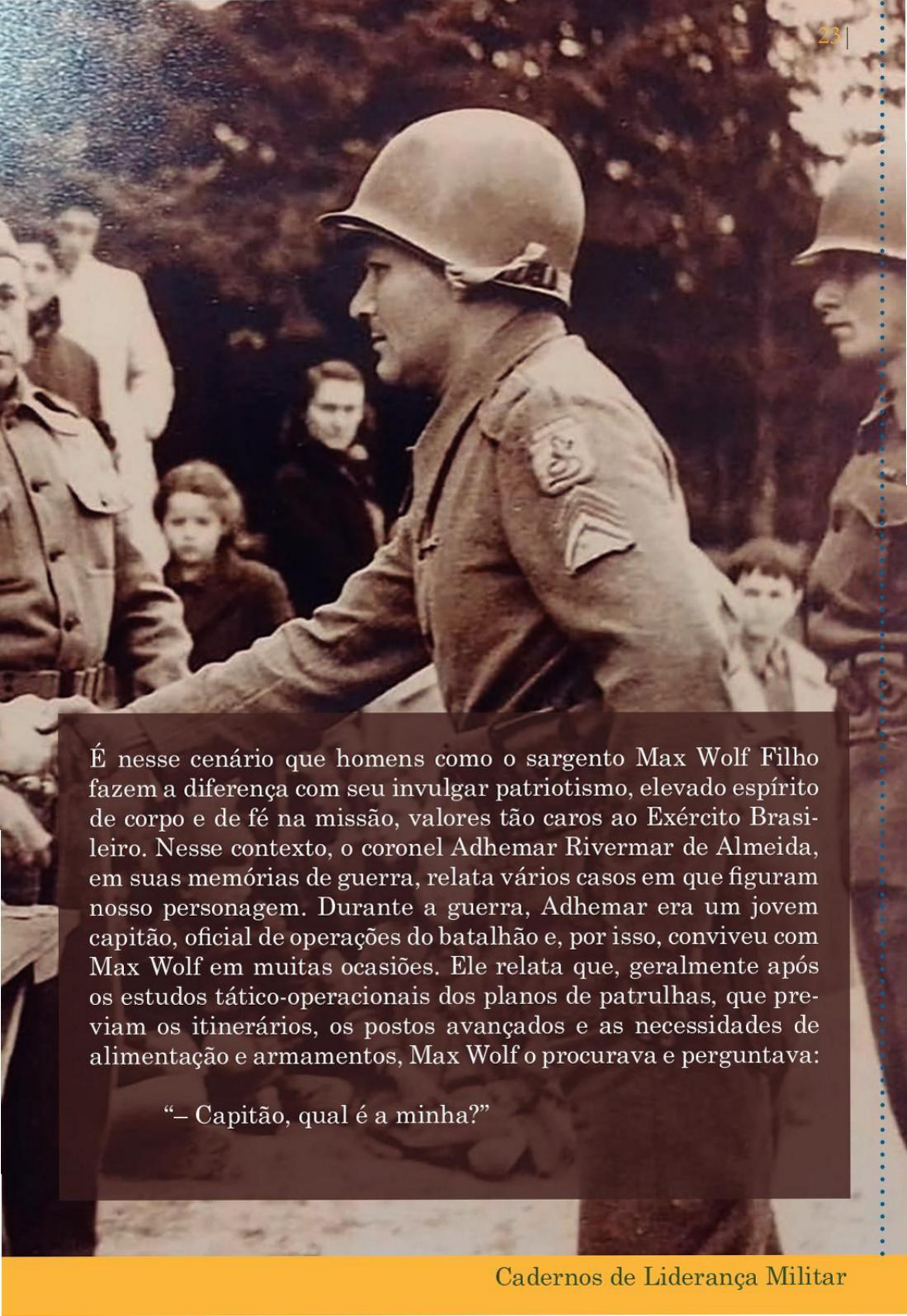


Era esse, em média, o tempo que os soldados julgavam adequado para se dominar completamente as artimanhas da guerra, como, por exemplo, distinguir os diferentes tipos de sibilos de granadas e o local mais provável de sua queda, das rajadas de metralhadoras inimigas, dos fogos luminosos de variadas cores, além do necessário controle psicológico quando em contato direto e mortal com o calejado inimigo. Some-se a isso o frio, o sono, as doenças, entre outras corriqueiras dificuldades de um perigoso ambiente de guerra.



FEB 75 anos





É nesse cenário que homens como o sargento Max Wolf Filho fazem a diferença com seu invulgar patriotismo, elevado espírito de corpo e de fé na missão, valores tão caros ao Exército Brasileiro. Nesse contexto, o coronel Adhemar Rivermar de Almeida, em suas memórias de guerra, relata vários casos em que figuram nosso personagem. Durante a guerra, Adhemar era um jovem capitão, oficial de operações do batalhão e, por isso, conviveu com Max Wolf em muitas ocasiões. Ele relata que, geralmente após os estudos tático-operacionais dos planos de patrulhas, que previam os itinerários, os postos avançados e as necessidades de alimentação e armamentos, Max Wolf o procurava e perguntava:

“– Capitão, qual é a minha?”



Admirador das façanhas de Max Wolf, o coronel ainda descreve as características peculiares de quem conviveu em vida com esse paladino brasileiro. Ressalta que sua conduta heroica não era

ocasional e vulgar, dessas em que o medo funde explosivamente a coragem e empurra o inconsciente homem à cova rasa, ou dessas em que o impulso do paroxismo o joga à mira de armas mortíferas, não o heroísmo que responde à loucura provocada pela insensatez – mas o heroísmo que resulta do ato do dever bem cumprido, da responsabilidade, da consciência do que está cumprindo.

Estamos falando de um homem possuidor de apurado código de honra e de ética militar.

“

As distinções alcançadas pelo sargento Max Wolf Filho podem ser atestadas pelas diversas citações e elogios formulados por seus comandantes diretos. Palavras fortes e emblemáticas, que revelam as virtudes desse valeroso militar brasileiro.

”

Em uma dessas referências elogiosas, concedida pelo seu comandante de batalhão, datada de 13 de dezembro de 1944, no contexto dos sucessivos ataques e reveses que levaram posteriormente à conquista de Monte Castelo, consta que

(...) dentre essas praças desejo destacar o desassombro do 3º Sargento Wolf, que, todas as vezes que se apresenta uma missão perigosa, principalmente de patrulha, espontaneamente se oferece para fazer parte dela. Registro com satisfação essa particularidade do sargento Wolf, pela qual revela possuir noção perfeita de dever militar.

De fato, tais qualidades o elevaram ao comando de um pelotão de choque, integrado por homens de desmedidos atributos de combatente, especializado para as missões de patrulha, escolhidos um a um pelo próprio sargento Max Wolf Filho. Em tributo a sua memória, listo-os agora:

“PELOTÃO ESPECIAL”

3º Sargento Matias Júnior, de Minas Gerais;

Soldado Wagner Costa e Silva, de São Paulo;

Soldado José Mário Ribeiro, do Paraná;

Soldado Sergílio Joaquim de Souza, de Santa Catarina;

Soldado Benedito Gardino, de São Paulo;

Soldado Sebastião Augusto Ferreira, de Pernambuco;

Soldado Sérvulo Gomes da Silva, do Rio de Janeiro;

Soldado João Caetano Coura, de Minas Gerais;

Soldado Armindo Cetto, de Santa Catarina;

Soldado Raul Constâncio Ferreira, de Santa Catarina;

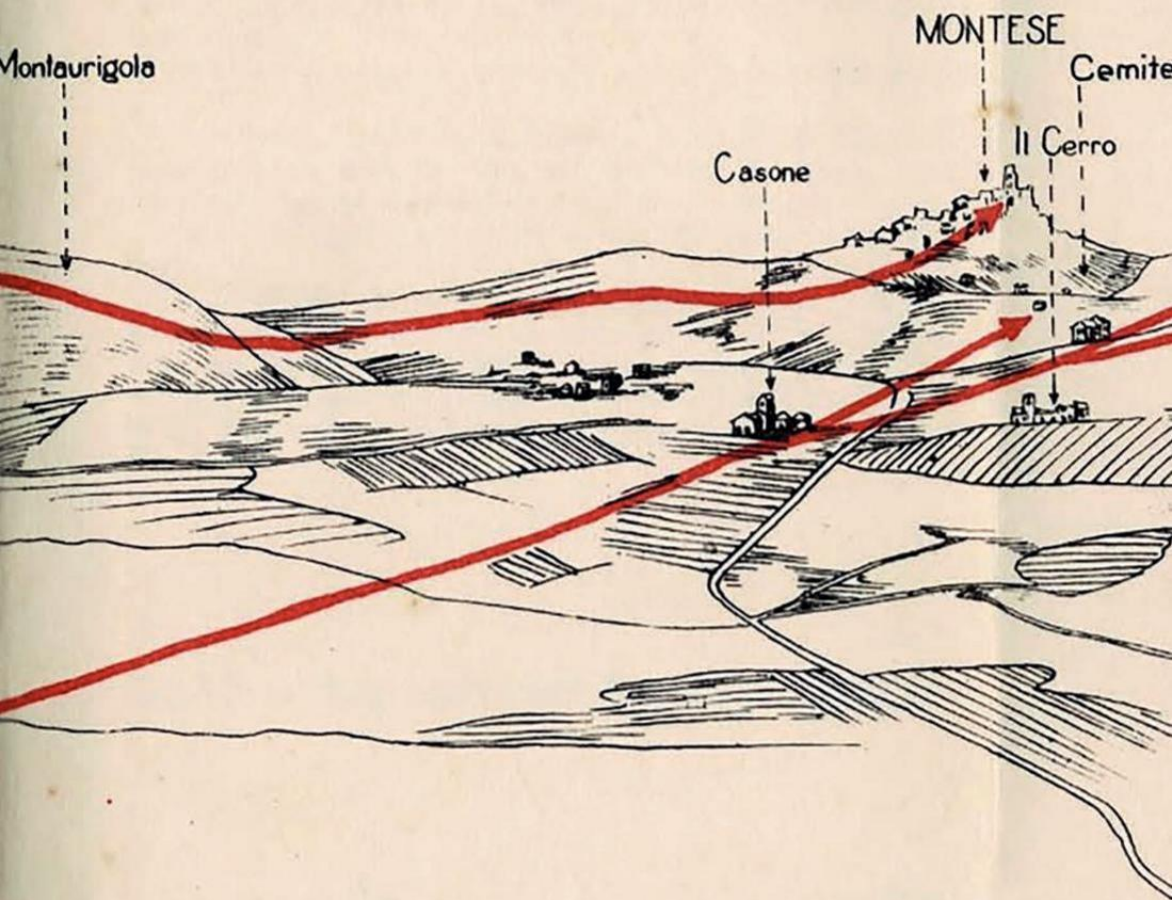
A própria concepção desse pelotão, certamente feita inconscientemente pelo seu líder, é a cara da brasilidade em seu mais profundo aspecto multirracial e étnico. Não por acaso, esse grupo de militares formado pelo sargento Max Wolf Filho se chamava “Pelotão Especial”. Decerto, as próprias exigências da guerra fizeram com que surgissem essas pequenas unidades táticas singulares treinadas para infiltração nas linhas inimigas, em operações de reconhecimento, resgate, patrulhas e emboscadas.

Soldado Durval José de Souza, da Paraíba;
Soldado Antônio Manoel Raimundo, de Alagoas;
Soldado Afonso Inácio da Cruz, de Santa Catarina;
Soldado Benedito Vitalino, de Minas Gerais;
Soldado Waldemiro Militão da Costa, de Santa Catarina;
Soldado Pedro Silva, de Santa Catarina;
Soldado Florival Alves Ferreira, da Bahia;
Soldado Miguel Arcanjo, de Minas Gerais;
Soldado Pedro Nogueira, de Minas Gerais;
Soldado Jesualdo Cruz, de Minas Gerais e
Soldado Luiz Moura, de São Paulo.

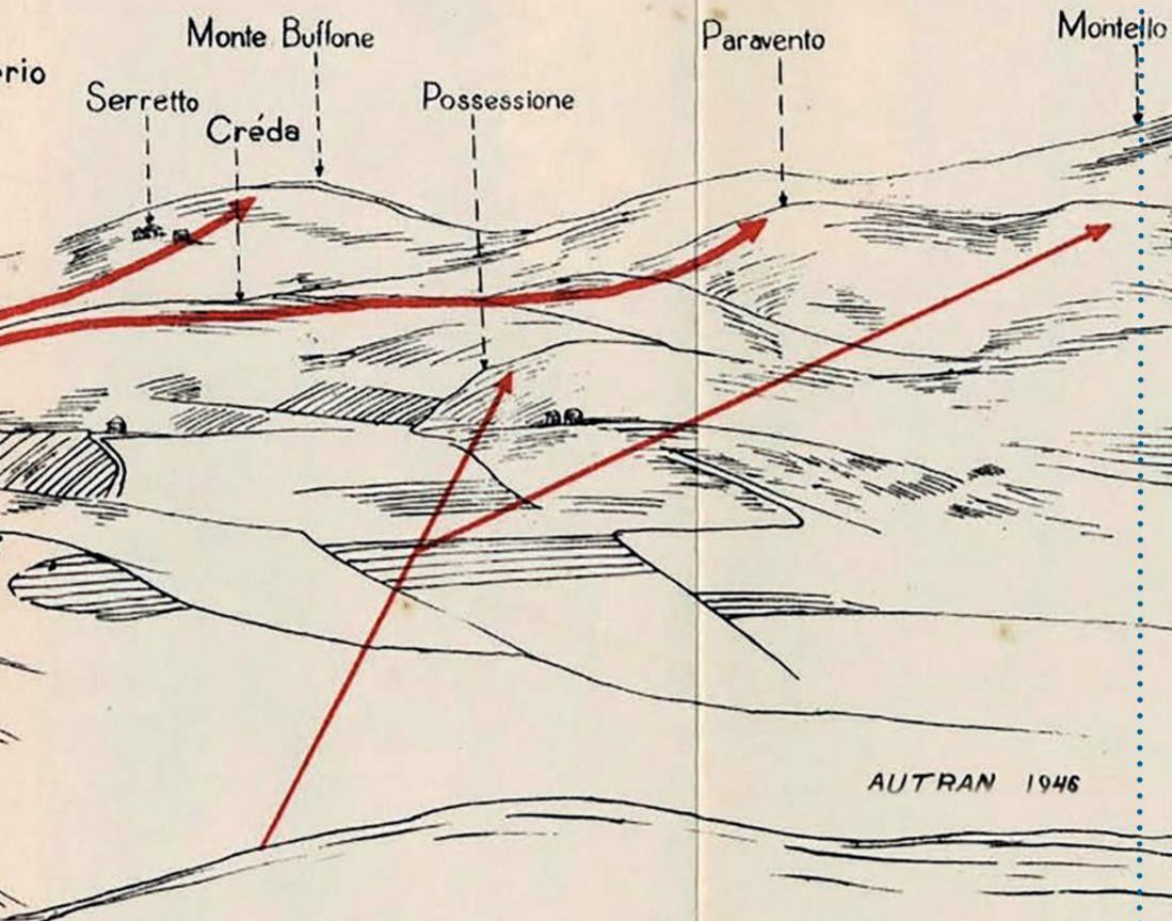
Logo, a formação dessas pequenas frações durante a Segunda Guerra Mundial, que fugiam da padronização da composição das companhias e dos pelotões, tanto nos seus efetivos quanto na dotação dos armamentos, foram as raízes do que hoje denominamos pelotões de operações especiais, os conhecidos PELOPES do Exército Brasileiro.







Infelizmente, a tragicidade humana que é uma guerra fez com que o sargento Max Wolf Filho, ao comandar, no dia 12 de abril de 1945, um reconhecimento ao ponto cotado 747, nas cercanias da vila de Montese, tombasse mortalmente ferido pelas balas alemãs quando à testa de sua fração. Morreu como um valente poucos dias antes do fim do conflito em solo europeu.



Tentando resgatá-lo, em luta desesperada pelo corpo do seu comandante, pereceu também o soldado Alfredo Estevão da Silva e se feriram mais dois integrantes da patrulha. O nome do sargento Max Wolf, entretanto, estará sempre presente, porque as grandes ações resistem ao tempo e perduram por toda a eternidade.

AUTRAN 1946



A sua invariável conduta arrojada, grande intrepidez e elevado espírito ofensivo foram reconhecidos com as seguintes condecorações: Medalha de Campanha, Medalha Sangue do Brasil e Medalha Cruz de Combate de 1ª Classe, além da insígnia norte-americana “Bronze Star”.

Seus restos mortais repousam no Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial, na cidade do Rio de Janeiro. Seu nome batiza, ainda, organizações militares, como o 20º Batalhão de Infantaria Blindado, em Curitiba/PR, e a Escola de Sargento das Armas, em Três Corações/MG.

“

Por certo, é no necessário culto aos homens e às mulheres que deram suas vidas pela Pátria que se forja, continuamente, a cultura militar das Forças Armadas do Brasil. Rememorar a trajetória e os singulares feitos desses personagens históricos é o vínculo indispensável entre o passado e o presente de instituições seculares como o Exército Brasileiro. Trata-se do elo que leva à coesão de seus efetivos e o reconhecimento e o respeito da própria nação por seus militares.

”

Nessa perspectiva, a liderança militar, tal qual exemplificada no personagem histórico do sargento Max Wolf Filho, adquire características próprias que a diferem, em muitos aspectos, da liderança exercida em outros ambientes para além da caserna.

As exigências dos rigores da guerra apresentam-se ao comandante da tropa, ocasião em que o exercício da própria liderança se impõe, por questão de vida ou morte, para o cumprimento das missões mais difíceis e extenuantes dadas ao indivíduo que se coloca à frente dos seus comandados, levando ao combatente o firme propósito da motivação para o combate.

Referência

ALMEIDA, Adhemar Rivermar. *Montese: marco glorioso de uma trajetória*. Coleção General Benício. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1985.

Alessandria, Italia, 26 de Maio de 1945

Illma. Snra. HELEWINA WOLFF

Respeitosos cumprimentos

Acabo de receber o vosso telegrama em que me solicitais informações sobre o vosso filho, segundo sargento Max Wolff.

É, verdadeiramente contristado, que vos participo que o vosso filho, quasi ao terminar a guerra, tomou como um verdadeiro bravo, em defesa do nosso querido Brasil.

Podeis, dele, vos orgulhar. Ninguém o ultrapassou em lealdade, desprendimento, destemor e espirito de sacrificio. Pediu, a morte, para ser incluído nas patrulhas que, altas horas da noite, iam em busca do contáto com o inimigo. Portou-se, sempre, como um verdadeiro soldado. Nada o desviava do cumprimento do dever: nem o frio inclemente, nem o inimigo rancoroso e destemido. Dentre as Citações de Combate, conferidas a varios Officiais e Praças, a sua se projetará na historia da nossa Patria.

Apresentando-vos, pois, em meu nome e da Infantaria Expedicionária, as nossas sinceras condolencias, eu vos afirmo que o vosso querido filho, à semelhança dos Pinheiros da vossa Terra Natal, viveu, pelas suas qualidades morais, sempre na vertical e caiu deixando um vazio cheio de saudades entre os componentes da Força Expedicionária Brasileira.


Gen. Euclides Zenglio da Costa

CARTA ENVIADA À MÃE DO SGT MAX WOLF FILHO
COMUNICANDO SEU FALECIMENTO

Alessandria, Italia, 26 de Maio de 1945

Ilma. Sra. ETELVINA WOLFF

Respeitosos cumprimentos

Acabo de receber o vosso telegrama em que me solicitais informações sobre o vosso filho, segundo sargento Max Wolff.

É, verdadeiramente contristado, que vos participo que o vosso filho, quase ao terminar a guerra, tombou como um verdadeiro bravo em defesa do nosso querido Brasil.

Podeis, dele, vos orgulhar. Ninguém o ultrapassou em lealdade, desprendimento, destemor e espírito de sacrifício. Pedia, amiúde, para ser incluído nas patrulhas que, altas horas da noite, iam em busca do contato com o inimigo. Portou-se, sempre, como um verdadeiro soldado. Nada o demovia do cumprimento do dever: nem o frio inclemente, nem o inimigo rancoroso e destemido. Dentre as citações de combate, conferidas a vários oficiais e praças, a sua se projetará na história da nossa Pátria.

Apresentando-vos, pois, em meu nome e da Infantaria Expedicionária, as nossas sinceras condolências, eu vos afirmo que o vosso pranteado filho, à semelhança dos pinheiros de vossa terra natal, viveu, pelas suas qualidades morais, sempre na vertical e caiu deixando um vazio cheio de saudades entre os componentes da Força Expedicionária Brasileira.

Gen Euclides Zenobio da Costa



Max Wolf filho: um exemplo, um líder, um sargento da FEB

***Maj R1 Elton Licério Rodrigues Machado**

Na madrugada do dia 13 de dezembro de 1944, após mais um ataque infrutífero ao baluarte de Monte Castelo, onde o 11º RI (Regimento de Infantaria) sofrera pesadas baixas, o comandante do 1º Batalhão daquele regimento recebe, em seu posto de comando, um emissário do general Zenóbio (comandante da Infantaria Divisionária). O general solicitava o resgate de um capitão, comandante da 1ª Companhia, que fora atingido na jornada do dia anterior e ficara ferido no local do combate.

De acordo com o general Octávio Costa (2001), o major, comandante do batalhão, sem desmerecer nenhum de seus homens que estavam presentes e com toda a sinceridade, falou ao enviado do general: “Coronel, neste batalhão só há um homem capaz de cumprir essa missão. Esse homem é o sargento Wolf. Vou mandar chamá-lo”.

Quem era esse homem? Era um “combatente extraordinário, um soldado acima de tudo”, e que inspirava muita confiança em seus superiores, conforme o descreveu em um depoimento o general Octávio Pereira da Costa, que, na época, era primeiro-tenente e exercia a função de oficial de informações do 1º Batalhão do 11º RI.

* Elton Licério Rodrigues Machado é major R1 do Quadro Complementar de Oficiais (QCO/História), da turma de 2001. Licenciado e mestre em História. Foi professor de História Militar na Academia Militar das Agulhas Negras e atualmente exerce atividade profissional na área do Direito Previdenciário.

Max Wolf Filho nasceu em uma pequena cidade paranaense chamada Rio Negro, na divisa com o Estado de Santa Catarina, no dia 29 de julho de 1911. Foi o segundo de cinco filhos de um casal formado por um imigrante austríaco com uma brasileira. Desde muito cedo, trabalhou, inicialmente, na torrefação de café paterna e, depois, empregou-se em uma companhia de navegação. Mudou-se juntamente com a família para Curitiba, capital paranaense, e nesta cidade alistou-se no 15º Batalhão de Caçadores (CCOMSEx, 2011).

A Revolução Constitucionalista de 1932 e seus combates serão seu batismo de fogo. Essa guerra encontrará no cabo Max Wolf, agora servindo no 30º Regimento de Infantaria, sediado no Rio Janeiro, um dos combatentes mais destacados. Podem ser realçados três fatos ocorridos naqueles meses que testificam a afirmação anterior. O ferimento em combate é testemunha do seu espírito combativo, destemor e coragem demonstrada em ação. Outro fato que depõe a favor daquela afirmação é a sua promoção à graduação de terceiro-sargento pouco tempo depois. Por último, o alto grau de estima, confiança e admiração que obteve entre seus irmãos de armas, em especial do então capitão Zenóbio da Costa, seu comandante de companhia.

A estima do general Zenóbio da Costa pelo sargento Max Wolf também pode ser confirmada por um episódio posterior. Quando aquele chefe militar, ainda major, recebe a missão de organizar a Polícia Municipal do Distrito Federal, a figura do sargento aparece entre seus integrantes. É servindo dessa forma que o encontramos, no ano de 1935, durante o episódio que ficou conhecido como Intentona Comunista. Nessa oportunidade, Max Wolf teve ativa participação ao comandar um carro de assalto na reconquista do 3º Regimento de Infantaria, aquartelamento localizado, à época, na Praia Vermelha.

Ao abrir-se o voluntariado para a FEB, logo se apresentou para integrá-la. Após uma intervenção cirúrgica, foi considerado “apto” e apresentou-se no 11º Regimento de Infantaria. Sua unidade partiu para a Itália no segundo escalão. Chegou ao seu destino, depois de passar pelo porto de Nápoles, no dia 11 de outubro de 1944, nos arredores de Pisa, bem próximo à linha de frente. O 11º RI teve seu batismo de fogo nos primeiros dias de dezembro daquele ano e não se saiu muito bem, tendo que ser logo substituído após um ataque de patrulhas inimigas. No dia 12 de dezembro, porém, no quarto ataque a Monte Castelo, o regimento estava no primeiro escalão. Apesar do revés desse ataque, a unidade demonstrou o seu valor e apagou definitivamente o episódio anterior com os sucessos em Sassomolare, no início de março, e a conquista de Montese, em abril de 1945, feitos que consagram a FEB.



Encontramos novamente o segundo-sargento Wolf, na fria madrugada de 13 de dezembro de 1944, apresentando-se ao seu comandante e ao emissário do general Zenóbio, com mais dois soldados padioleiros. Chegaram “exaustos, inteiramente fatigados, com lama até nos olhos” (COSTA, 2001, p. 46). Desde o anoitecer, entrava e saía da linha de frente em busca de feridos, e assim continuou até o amanhecer, retirando inúmeros companheiros das mãos inimigas. O sargento Max Wolf pertencia, na ocasião, à Companhia de Comando do batalhão e, por seus atos, era empregado como um elemento de reserva em missões difíceis, especialmente nas patrulhas mais perigosas.

Após o quarto ataque a Monte Castelo, inicia-se a fase conhecida como “defensiva de inverno”, que se prolongaria até o final de fevereiro. Essa defensiva se tornou a verdadeira escola do soldado brasileiro. Foi com essas incursões que aprendeu a lutar. As patrulhas eram, então, uma rotina, e nelas se destacou o sargento Wolf.

“

Apresentando-se voluntariamente para comandar essas pequenas frações que *“infiltravam-se no sistema defensivo inimigo a fim de realizar reconhecimentos, fazer prisioneiros ou resgatar feridos”*. (TAITSON, 2001, p. 322)

”

Por essas qualidades que demonstrou ao conduzir seus soldados em terreno desconhecido e repleto de minas, elevou grandemente o moral dos homens de seu batalhão, a ponto de não faltarem voluntários para essas ações, antes descritas como suicidas. Por esses atos, foi lhe entregue o comando de um pelotão de combatentes de escol para executar as grandes e perigosas ações do batalhão. Era uma fração de elite. Todo soldado queria dela participar.

Trinta Anos Depois da Volta

Octavio Costa



BIBLIOTECA DO EXÉRCITO-EDITORA

Várias são as citações de combate feitas pelo comando de sua unidade sobre os seus feitos. As lembranças de subordinados, companheiros e superiores são inúmeras e aparecem em grande parte dos escritos sobre a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial. Muitas são as histórias que contam seus contemporâneos e que retratam não só a qualidade de combatente, mas também a disciplina, a liderança, o profissionalismo, o desprendimento, a abnegação e o espírito de cumprimento do dever, que devem nortear, servir de modelo e de orgulho a todo soldado brasileiro. Dessas histórias, o general Octávio Costa (2001) destaca dois episódios, que demonstram a capacidade de liderança do sargento Max Wolf.

Certa vez, conta-nos o general, o batalhão recebera vinte *partisans* italianos para servirem de guias e combaterem ao lado da FEB. Percebendo que havia cinco homens que pareciam ser tenentes e o restante soldados, poderia, portanto, distribuí-los por igual número pelas subunidades. Para tanto, perfilou os oficiais à frente e orientou os que pareciam soldados a ficarem atrás do oficial que queriam servir. Todos os soldados se colocaram atrás de apenas um. Esse era o tenente Tito, que, seguramente, segundo o general, não era o mais inteligente, não era o mais culto, não era o mais forte, mas era aquele que todos queriam ter ao seu lado no momento de perigo, era aquele em que todos confiavam. Esse oficial acabou ao lado do sargento Wolf, porque os dois eram o mesmo tipo de gênio, tinham o mesmo modo de proceder, ou seja, “os verdadeiros combatentes falam realmente a mesma linguagem”, concluiu o general.

Em outra ocasião, um graduado não queria cumprir uma missão considerada muito difícil e que, por isso mesmo, era exercida em forma de rodízio pelos pelotões. Poderiam até mesmo levá-lo a Conselho de Guerra, dizia a referida praça. O comandante do batalhão mandou chamar o sargento Wolf. Após uma ordem do comando e alguns minutos a sós com Max Wolf, o homem volta e afirma que cumprirá a missão. O general Octávio Costa, oficial que presenciou o resultado mesmo desconhecendo o que o sargento Wolf havia falado, afirmou posteriormente que ele “pegou um farrapo de homem, passou alguns minutos com ele e o cara volta para dizer que era tão homem quanto o Wolf (...). É simplesmente impressionante”.

Já com toda essa fama, meritoriamente conquistada, é que reencontramos o sargento Wolf, pouco depois das 13 horas do dia 12 de abril de 1945, apenas dois dias antes do episódio que será a batalha mais sangrenta enfrentada pela FEB. Nas jornadas que antecederam o ataque a Montese, o comandante do 4º Corpo de Exército alertara as unidades próximas à linha de contato para o fato de que os alemães, despertados pelos movimentos que se vinham processando por toda a frente, também se movimentavam. Sem saber ao certo qual era o propósito dos alemães, se de reforçarem ou abandonarem as suas defesas, o comando brasileiro procurou certificar-se do que se passava nas forças inimigas. Para isso, determinou que as unidades engajadas lançassem patrulhas à frente. Assim, no dia 12 de abril de 1944, coube ao 1º Batalhão do 11º RI enviar duas patrulhas à vanguarda do seu dispositivo para levantar informações sobre o inimigo (BRANCO, 1960). Uma dessas patrulhas seria comandada pelo lendário sargento, com a finalidade de explorar o ponto cotado 747, na região de Rivia di Biscia, verificando a capacidade de resistência das defesas inimigas.



“

Do que aconteceu com a patrulha e do desfecho de sua missão, possuem-se quatro testemunhos importantes. Duas crônicas escritas por repórteres (Joel Silveira e Thassilo Mitke) e testemunhos de dois oficiais, que, premidos pela função que desempenhavam, seguiam com binóculos a progressão dos patrulheiros. Os dois oficiais eram o então primeiro-tenente Octávio Pereira da Costa, oficial de informações do batalhão, e o capitão Salomão Naslauský, que orientava os fogos de artilharia em apoio aos infantes.

”

Para os jornalistas, era um grande momento, pois acompanhavam as ações do “pelotão de choque” do batalhão, 19 homens conhecidos pela sua coragem e destemor. Deslocaram-se com os patrulheiros até o ponto de partida. Joel Silveira relata as últimas confidências do sargento Wolf: era viúvo, preocupava-se com a pequena filha de apenas 10 anos e, contente, falou sobre a sua promoção ao oficialato, por ato de bravura, que estava para acontecer. Como Joel Silveira (1959) estava recolhendo pequenas mensagens dos soldados para publicar no jornal do qual era correspondente, deixou também uma mensagem com o repórter: “Aos parentes e amigos estou bem. A minha querida filhinha – Papai vai bem e voltará breve”.

A partir desse momento, os jornalistas acompanhados pelo tenente Octávio Costa foram para o ponto de observação e acompanharam a progressão da destemida patrulha, pelas sebes e ravinas. Viram quando ela apontou na “terra de ninguém” e seguiu cautelosa por uma estrada deserta. Seu comandante à frente, facilmente reconhecido pelos cintos de munição cruzados pelos seus ombros, incutia ânimo e coragem aos seus companheiros. O silêncio era quase absoluto. A artilharia do capitão Salomão Naslauský cessara os disparos. Há pouco, aqueles homens, que agora seguia pelos binóculos, tinham passado pelo observatório, o sargento cumprimentara-o efusivamente. Atingiram o primeiro objetivo, um grupo de casas, e logo seguiram para o objetivo final. (MITKE; SILVEIRA, 1960)



Eram cerca de duas e meia da tarde. A patrulha estava a menos de 100 metros do último objetivo: um novo grupo de casas, sobre uma macia elevação. Após transporem uma cerca, ouviram-se os tiros da metralha, partindo das edificações que pareciam abandonadas. Nos observatórios, jornalistas apreensivos perguntaram ao oficial observador se o homem que viram cair era o sargento Wolf. Atingido, cai de bruços, levanta a cabeça... e uma nova rajada de metralhadora faz mais uma vítima na patrulha e barram o avanço até o corpo do sargento. Foguetes iluminativos partem das posições inimigas, pedindo fogo de suas baterias. Uma chuva de projéteis de morteiros e obuses cai sobre a patrulha e posições mais à retaguarda. Jornalistas e oficiais observadores se abrigam nas trincheiras. Estes últimos orientam o fogo das baterias brasileiras e, por mais de uma hora, o duelo encheu o cenário, antes silencioso e deserto.

Quando o cerco é levantado, a patrulha recebe ordem de retornar, pois sua missão fora cumprida. Protegidos pela noite, os patrulheiros retornam ao ponto de partida, tristes e cabisbaixos. Não havia mais dúvidas. Morrerá um infante, um soldado, um herói! No batalhão, um jornalista ouve a maior honra que um soldado pode receber, que é o reconhecimento pelo dever cumprido e de seu valor perante seus patrícios. Seu comandante confia: “Este foi um dia triste para o nosso batalhão. Nós perdemos um bravo” (SILVEIRA, 1959).

“

O sargento Max Wolf Filho morreu ao fazer o que mais lhe estimulava e que é uma das mais nobres incumbências da infantaria, ou seja, a patrulha! Nessas missões, ele se atirava com garra, “extrema coragem e impressionante bravura, não obstante sempre com muita responsabilidade e inteligência” (SILVEIRA, 1959). Assim, o epíteto de “Rei dos Patrulheiros” faz-lhe merecimento, sendo um exemplo invulgar que o coloca, juntamente com outras personalidades, a figurar no Panteão dos Heróis da Pátria brasileira.

”

Considerações finais

Na tarde da patrulha de Max Wolf, aparece na linha de partida uma equipe de jornalistas brasileiros, que foi até o local no intento de ver a saída da patrulha. Do trabalho desses correspondentes, surge o flagrante que se tornará uma das imagens mais conhecidas da campanha da FEB: a patrulha do sargento Max Wolf.

O sargento Wolf à testa, parte dos seus comandados logo atrás, abrindo-se numa formação em cunha. Uniformes, equipamentos e armas (metralhadoras “Thompson” em destaque). Rostos expressivos, homens, soldados brasileiros e, sobretudo, combatentes veteranos. Toda essa imagem fixada sobre um cenário de guerra. Nas fardas sem divisas, apenas ressalta, usado com orgulho no braço esquerdo, o distintivo da FEB: “a cobra fumou”.

Essa cena impressiona. É um instantâneo que, realizado sem grandes pretensões, transforma-se num símbolo. Como comenta o general Otávio Costa, a guerra nos Apeninos foi, antes de tudo, uma guerra entre companhias, antes ainda, uma guerra travada por pelotões. Essa parece ser a ideia que o destino queria deixar para a posteridade: um registro cheio de mensagens e significados que transforma um momento cotidiano e efêmero num símbolo eterno.

Enfim, como na famosa foto de Joe Rosenthal, na qual fuzileiros navais erguem a bandeira americana na ilha de Iwo Jima, que passa a ser a grande imagem da Segunda Guerra no Pacífico, o instantâneo da “patrulha do sargento Wolf” passa a ser um registro, uma síntese do que foi a guerra para o Exército, para a infantaria e seus soldados. Mais ainda, do que foi a guerra para o Brasil e seu povo. O monumento “Patrulha Sargento Max Wolf”, que reproduz o famoso instantâneo nas dependências do 20º BIB, muito mais do que homenagear o seu patrono, eterniza, em ferro e em tamanho natural, o espírito do infante.

Referências

BRANCO, Manoel Thomás Castello. *O Brasil na II Grande Guerra*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1960.

CCOMSEx (Centro de Comunicação Social do Exército). *Sargento Max Wolf Filho*: herói da 2ª Guerra Mundial. Brasília/DF: Revista Verde-Oliva, Ano XXXIX, nº 212, jul/ago/set 2011.

COSTA, Octávio Pereira da. *Trinta Anos Depois da Volta*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1976.

_____. *História oral do Exército na Segunda Guerra Mundial* / Coordenação geral de Aricildes de Moraes Motta. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2001. Tomo 5.

MITKE, Thassilo; SILVEIRA, Joel. *A luta dos Pracinhas – A FEB 50 anos depois, uma visão crítica*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1993.

SILVEIRA, Joel. Eu Vi Morrer o Sargento Wolf. In: SODRÉ, Nelson W. *Narrativas Militares*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1959.

TAITSON, Geraldo Campos. *História oral do Exército na Segunda Guerra Mundial* / Coordenação geral de Aricildes de Moraes Motta. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2001. Tomo 6.

Sítios da internet

http://www.germanobayer.pro.br/militar_8.html. Acesso em: 9 abr 2008.

<http://www.mauxhomepage.com/geraldomota/feb028.htm>. Acesso em: 12 abr 2008.





Um adjunto de pelotão nos combates da Itália

***Maj Anderson Salvador da Silva**

“O adjunto de pelotão é a união da experiência profissional aliada ao vigor físico”. Essa é a premissa básica para se abordar a figura do herói de guerra brasileiro, o tenente-coronel Tadeu Cerski. Antes de mergulharmos nos aspectos de liderança desse grande vulto de nossa história militar, é fundamental uma apresentação sucinta desse oficial.

Nascido no município de Getúlio Vargas/RS, em 28 fevereiro de 1921, o jovem gaúcho de antepassados poloneses deixou o convívio de sua família na cidade natal para ingressar nas fileiras do Exército Brasileiro. Incorporou-se ao 3º Batalhão do 8º Regimento de Infantaria em Passo Fundo (cidade que dista 50km de Getúlio Vargas/RS), em maio de 1940, para cumprir o serviço militar obrigatório, e acabou se identificando com a carreira das Armas.



* Anderson Salvador da Silva é major da arma de engenharia, da turma de 2004. É historiador, realizou diversas especializações e mestrado em Ciências Militares pela EsAO/2013. Foi instrutor no Centro de Instrução Pára-quedista General Penha Brasil, na EsAO, na Academia Militar do Paraguai e na EASA. Atualmente, é chefe da Seção de Coordenação Pedagógica da Escola de Aperfeiçoamento de Sargentos das Armas (EASA).





AQUI JAZEM OS RESTOS
MORTAES DOS
MILITARES DO 8º Rº 1ª
MORTOS NA REVOLUÇÃO
DE 1932 — 1º TEN.
ERNESTO CAMPOS DE LIMA



★ 25-12-1899
† 18-7-1932
LAGRIMAS DE
TUA ESPOSA
E FILHOS

1º TENENTE
JOÃO PEDRO MULLER
CABO NICOLA C. PERTILI
SOLDADO ERNESTO F. NETO
" OTAVIO S. FRANÇA
" MANOEL N. SOBRINHO
" SALATIEL S. DE ARRUDA
" MOACIR ALBUQUERQUE
" JAIME J. DA SILVEIRA
" OSVALDO R. GUIMARAES
" MERCINDO RIOS (3º R.C.B.N.)





“

Nesse ano inicial, o soldado Tadeu travou contato com as histórias de outros heróis do seu batalhão que o antecederam e tombaram nos combates da Revolução Constitucionalista de 1932. Isso ia alimentando o imaginário do militar, bem como fornecendo os exemplos de valores e de liderança, tão necessários para o desempenho de suas futuras funções profissionais.

”

Conforme o próprio militar relatou em entrevista, com a entrada do Brasil na guerra, foram suspensos todos os licenciamentos e ele teve que ficar o seu ano de serviço inicial em regime de internato na sua unidade militar. Assim sendo, o soldado Tadeu prosseguiu na execução de todos os cursos possíveis para aumentar sua proficiência técnica e tática, sua aptidão física e os seus conhecimentos sobre o ser humano. Fruto disso, foi promovido a cabo ainda em 1940 e a terceiro-sargento em 1941.

A sua organização militar de origem já não tinha mais cursos para oferecer ao jovem sargento Tadeu, e ele, aproveitando-se da oportunidade aberta pela triste guerra, partiu em busca de uma vaga na Escola de Motomecanização, já que ela passou a formar oficiais e sargentos para o emprego imediato em combate. Após um difícil concurso de admissão, ele foi aceito na escola e concluiu o curso de sargentos com êxito, sendo movimentado na sequência para o 2º BCC, no Rio de Janeiro/RJ. Em 1942, seu batalhão foi transferido para Natal/RN. Agora o jovem gaúcho encontrava-se a 3.500km de sua terra natal.

Em abril de 1943, foi promovido a segundo-sargento. Ainda em 1943, frequentou o Curso Regional de Aperfeiçoamento de Sargento (CRAS – uma das raízes da nossa atual Escola de Aperfeiçoamento de Sargentos das Armas), no CPOR de Recife. Vale salientar que a Lei de Ensino Militar, que colocou o CAS como pré-requisito para o prosseguimento na carreira, é de 1938. Dessa forma, a turma de aperfeiçoamento de sargentos do segundo-sargento Tadeu foi uma das primeiras a passar por essa nova reformulação.

O caminho rumo à Itália se afunilou quando o militar foi movimentado para o Depósito de Repletamento da FEB. Lá, conforme relato do próprio Ten Cel Tadeu em entrevista, “reencontrou um amigo que servia no Regimento Sampaio. Era um oficial que eu conhecia de Passo Fundo. Casualmente havia uma vaga de segundo-sargento no regimento e, no dia seguinte, eu já estava servindo no 1º RI, Regimento Sampaio, 3º BI, 7ª Companhia”.

A 7ª Companhia do 3º Batalhão de Infantaria do 1º Regimento de Infantaria seria aquela que tomaria parte nos ataques a Monte Castelo, na Itália, em 12 de dezembro de 1943, e na conquista de Monte Castelo, em 21 de fevereiro de 1944. Nas duas ações mais emblemáticas da nossa querida Força Expedicionária Brasileira, lá estava, como adjunto de pelotão, o segundo-sargento aperfeiçoado Tadeu Cerski, um dos grandes líderes da heroica 7ª Companhia.

“

Nessas duas participações, o sargento Tadeu demonstrou toda a sua liderança de formas distintas, mas que fazem parte da figura do autêntico líder militar. Vamos parar por aqui e analisar mais detalhadamente a liderança desse gigante. Qualquer análise mais profunda sobre a vida de um líder ao longo da história deve levar em consideração a sociedade em que ele viveu.

”

Atualmente, por uma enorme infelicidade, vivemos em um mundo permeado pela violência. Muitos de nós já presenciaram um ato de violência na rua ou acompanharam algum noticiário que mostrou as mais diversas barbáries, que vão desde assassinatos, passando por violência sexual e chegando aos mais inacreditáveis crimes hediondos, que, por uma tragédia, de tão corriqueiros, vão endurecendo nossos sentimentos humanos mais sublimes.

Com isso, uma cena de violência ao vivo, por vezes, pode não nos sensibilizar. Isso com certeza não acontecia naquela juventude que saiu de um país tranquilo composto por uma sociedade ordeira e partiu para tomar parte nos mais atrozes combates que a civilização humana já presenciou, a Segunda Guerra Mundial.

O que se dirá de um jovem “guri”, como se chamam os rapazes aqui no sul do Brasil, que deixa sua cidade de aproximadamente 5.000 habitantes do interior gaúcho para liderar homens muito mais velhos e experientes em ações de combates no maior conflito armado da humanidade? Seguramente, os mais cruéis atos de violência atuais não compunham o cotidiano daqueles homens que foram para a Segunda Grande Guerra. Eles só travariam contato com essa tenebrosa realidade em solo europeu.

Além da violência que marca nossos dias, existe o aspecto hedonista, que impregnou todos os espaços sociais. Vivemos em um momento no qual a fuga da dor é uma das bases da vida. Existem alguns setores que, inclusive, fazem *marketing* a partir do *slogan* “Pare de sofrer!”. Isso contraria frontalmente a profissão das armas, que se pauta, em muitos aspectos, nos ideais estoicos. A resistência à dor estava impregnada nos jovens brasileiros que partiram para a guerra, e deve ser algo trabalhado constantemente no atual líder militar.

Aqueles militares da FEB sabiam que a vida é puro estoicismo, mas, como expusemos anteriormente, desconheciam a crueldade da violência. O líder deve estar adaptado para enfrentar a fadiga e a violência sem nunca perder a serenidade e a empatia. O Brasil da década de 1940 preparava os jovens desde pequenos para as dificuldades da vida, mas não os preparava para a violência. Com certeza, esses aspectos fizeram parte da infância e da adolescência do jovem Tadeu antes de se tornar um soldado do Exército de Caxias.

Feitas essas considerações, retomo as ações de dezembro de 1943 e fevereiro de 1944. A participação do segundo-sargento Tadeu em 12 de dezembro de 1943 lhe rendeu uma promoção em combate, por bravura, ao posto de segundo-tenente, por ter conseguido retrair com mais da metade de seu pelotão para as posições brasileiras após um brutal contra-ataque das tropas alemãs.



Medalha de Guerra

Concedida a oficiais da ativa, reserva ou reformados, bem como a civis que tenham prestado serviços relevantes ao esforço de guerra, preparo de tropa ou desempenho de missões especiais confiadas pelo Governo dentro ou fora do território nacional.

O rechaço alemão foi algo surpreendente e extremamente agressivo. O pelotão acabou separado. O tenente comandante do pelotão foi obrigado a tomar uma posição abrigada, levando consigo um grupo de combate, e o segundo-sargento Tadeu partiu para outra posição, também na busca de abrigo, com os outros dois grupos de combate. Já sem qualquer comunicação com o seu comandante de pelotão, os grupos, agora sob o comando do adjunto de pelotão, permaneceram aferrados ao terreno sob intensos fogos inimigos.

Em meio ao caos proporcionado pelos tiros de metralhadoras, morteiros e artilharia alemãs, mesmo vendo alguns de seus homens tombar naquela ação, o sargento Tadeu conseguiu dominar a situação e conduzir os seus sargentos, cabos e soldados, sob seu comando, de volta às linhas amigas. A utilização de abrigos, o emprego do armamento e a sábia maneabilidade de suas frações permitiram que ele guiasse seus liderados de volta à segurança em meio ao terror que havia tomado conta da situação.



O domínio da referida situação pelo adjunto de pelotão, em meio ao fragor do combate travado, sem qualquer sombra de dúvidas só foi possível pelo elevado conhecimento técnico-profissional do segundo-sargento Tadeu. Esse alto nível profissional serviu para tranquilizar os seus homens sob fogo e, acima de tudo, elevou-o ao patamar de grande líder para os seus subordinados, que confiaram em suas ordens para sobreviverem.

Um homem que deixa sua família na busca do ideal de servir à Pátria por si só já demonstra a vontade de vencer a si mesmo na busca pela ordem em sua vida, algo essencial para a formação do caráter de um líder. O que nos salta aos olhos, contudo, foi a incessante busca pelo seu aprimoramento técnico-profissional. Tadeu fez todos os cursos possíveis para obter o conhecimento necessário para desempenhar a sua função na guerra, e o CAS faz parte desse rol.

Cruz de Combate

Destinada aos militares que se distinguiram em ação. A de 1ª Classe, em prata dourada, é entregue a todos os que praticaram atos de bravura ou revelaram atos de sacrifício no desempenho de missões em combate, podendo também ser conferida a unidades que se destacaram no combate.



Todas as iniciativas de aumento da sua capacidade cognitiva partiram única e exclusivamente desse herói. Essa assombrosa ação de liderança, sem qualquer sombra de dúvidas, só foi possibilitada pelos embasamentos teóricos que o segundo-sargento Tadeu adquiriu nos bancos escolares do Exército Brasileiro e pelas práticas desenvolvidas nos diversos exercícios de campanha de que participou, até aquele fatídico momento – mas repleto de glórias – que o tornaria, como auxiliar de pelotão (antiga designação do atual cargo de adjunto de pelotão) de fuzileiros, um eterno líder e herói ao salvar aqueles homens que estavam sob seu comando e cuidados em meio a um verdadeiro massacre.

O caminho a ser percorrido pelo adjunto Tadeu, no dia 21 de fevereiro de 1944, seria altamente complexo. Ele, desde o recebimento da missão, já sabia que o seu pelotão não entraria para os anais da história militar como a tropa que chegou primeiro ao cume de Monte Castelo. Por que isso? Porque o seu Pelotão de Fuzileiros da 7ª Companhia do 3º Batalhão do 1º Regimento de Infantaria seria o responsável por realizar a fixação do inimigo para que um ataque de desbordamento pelos flancos fosse realizado por outras peças de manobra.

A noite que antecede a uma missão dessas com certeza não é uma noite tranquila para um comandante e líder em combate. Um turbilhão de pensamentos deve ter se apossado da mente do sargento Tadeu nessas horas que antecederam o ataque de sua companhia de fuzileiros. O medo deve ter sido um desses pensamentos, mas outros pensamentos devem ter sido gerados pelas seguintes perguntas:

“O que fazer para conduzir a minha tropa para uma situação em que a missão é servir apenas para ludibriar o inimigo em relação ao ataque principal?”

Como deverei passar os detalhes de tal missão e ainda manter o moral e a motivação dos soldados em alta?”

"VOCÊ SABE DE ONDE EU VENHO?"



TADEU CERSKI
GETÚLIO VARGAS/RS
IN MEMORIAM



“

Seria possível dormir naquela noite tão cruel?
Provavelmente não foi possível dormir naquela noite, já
que esse tipo de ação, provavelmente, é uma das piores
e mais pesadas cargas que um líder pode carregar...

”

“

Todos nós, quando recém-formados nas diversas escolas de formação do Exército Brasileiro, pudemos pelo menos imaginar uma vez essa circunstância. Mas ele soube contornar com muita maestria e frieza todo medo e incerteza que envolveu esse momento.

”

Em 21 de fevereiro de 1944, o segundo-sargento Tadeu Cerski materializou, de forma *ipsis litteris*, aquilo que está nas frias letras de nosso atual manual de liderança do Exército: ele ponderou suas decisões, sempre mantendo o equilíbrio emocional; e em toda a situação, desde a transmissão das ordens da missão aos subordinados até o seu cumprimento, controlou o seu medo e demonstrou coragem aos seus sargentos, cabos e soldados... sem falar na tranquilidade e apoio que ele cedeu aos seus comandantes de companhia e de pelotão, por ocasião de suas tomadas de decisão.

Muito mais há de se falar desse valoroso exemplo de liderança, mas encerremos por aqui, lembrando que a arte da guerra é envolta em constante evolução, sendo necessário, para o surgimento de um líder militar, que ele se empenhe constantemente no próprio aperfeiçoamento. E essa foi justamente uma das marcas do nosso eterno e saudoso tenente-coronel Tadeu Cerski.



Revista Verde-Oliva
FEB 75 anos



O Museu do Expedicionário e a memória do sargento Max Wolf Filho

*Cel R1 Said Zendim

A Casa do Expedicionário

O Museu do Expedicionário está localizado em Curitiba/PR e encontra-se sob a administração do Exército Brasileiro desde julho de 2017, quando a Legião Paranaense do Expedicionário (LPE) iniciou formalmente o processo de doação do prédio que abriga o museu e de seu acervo à União.

Em 1951, a LPE inaugurou o prédio que passou a abrigar sua sede – que, mais tarde, daria origem ao Museu do Expedicionário –, denominando-o de Casa do Expedicionário. Logo em seguida, reservou um de seus cômodos para exibir algumas peças que lembravam a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial e deu a esse espaço o nome de Sala Sargento Max Wolf Filho, em homenagem ao grande herói paranaense que tombou nos campos da Itália.

* Said Zendim é coronel R1 QEMA da arma de infantaria, da turma de 1987. Comandou o 20º Batalhão de Infantaria Blindado, serviu em duas ocasiões na Missão de Paz das Nações Unidas, no Haiti, e foi adido militar junto à Embaixada do Brasil no Egito. Kursou o MBA em Gestão de Empresas, na FGV, e desde 2017 atua como diretor do Museu do Expedicionário, em Curitiba/PR.



A história do Museu do Expedicionário

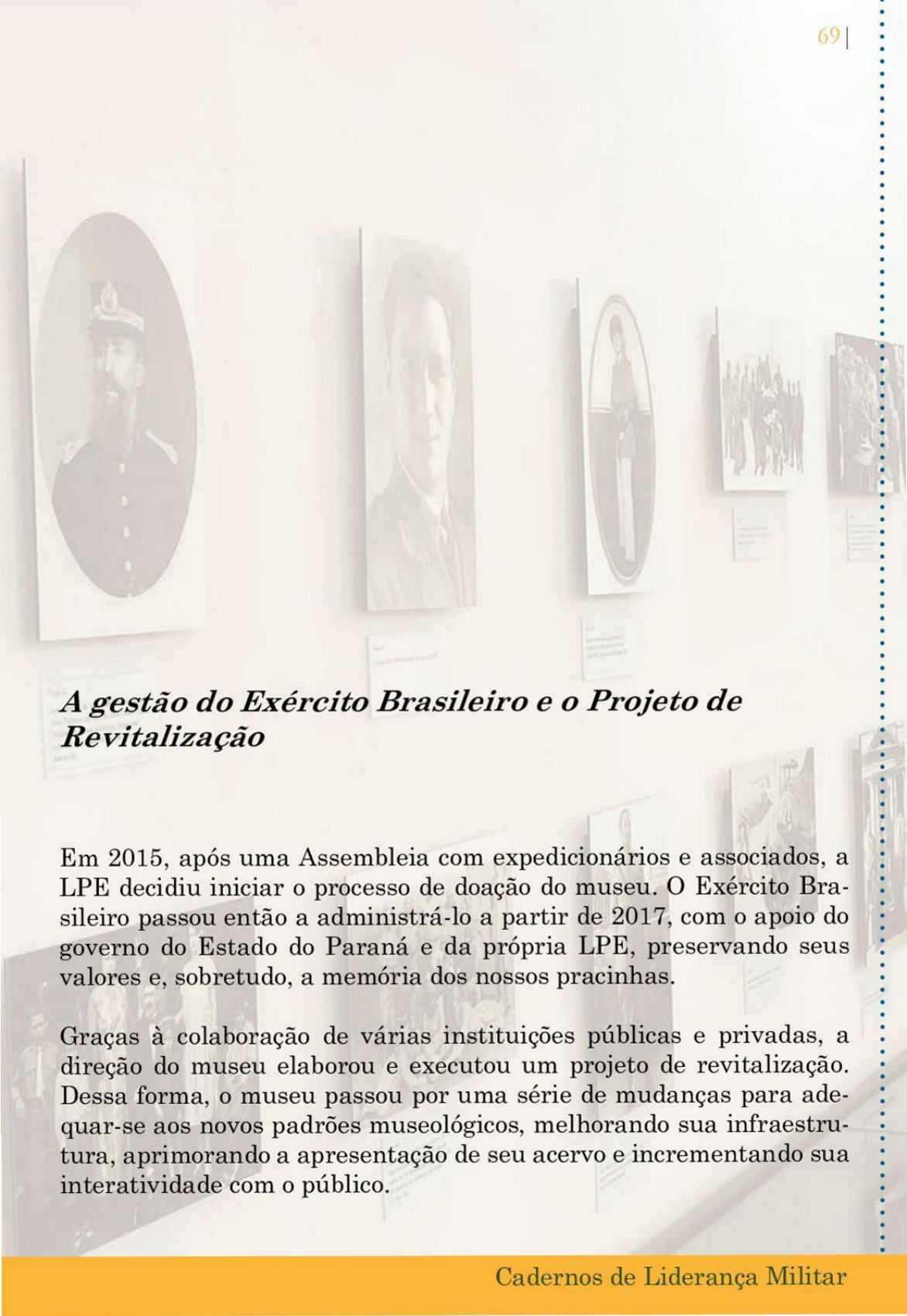


A história do Museu está ligada diretamente à Legião Paranaense do Expedicionário (LPE), instituição fundada em 1946 por paranaenses que estiveram na guerra. Tinha como principal objetivo prestar assistência aos expedicionários e às famílias daqueles que perderam suas vidas nos combates na Itália.

Em 1951, a LPE inaugurou sua própria sede e a batizou de Casa do Expedicionário. Por muitos anos, essa casa serviu como ponto de apoio para aqueles que haviam colocado suas vidas a serviço da Pátria, chegando a contar com mais de 2.500 sócios.

Com o passar dos anos, foram criadas leis para amparar os expedicionários, e a LPE, naturalmente, reduziu suas atividades assistenciais. A instituição passou, então, a dedicar-se ao trabalho memorial.

A partir do início da década de 1980, com o apoio do governo do Paraná e das Forças Armadas, a LPE criou o Museu do Expedicionário, ampliando um pequeno acervo já existente para um espaço que se chamava Sala Sargento Max Wolf Filho, formado com doações dos próprios sócios.



A gestão do Exército Brasileiro e o Projeto de Revitalização

Em 2015, após uma Assembleia com expedicionários e associados, a LPE decidiu iniciar o processo de doação do museu. O Exército Brasileiro passou então a administrá-lo a partir de 2017, com o apoio do governo do Estado do Paraná e da própria LPE, preservando seus valores e, sobretudo, a memória dos nossos pracinhas.

Graças à colaboração de várias instituições públicas e privadas, a direção do museu elaborou e executou um projeto de revitalização. Dessa forma, o museu passou por uma série de mudanças para adequar-se aos novos padrões museológicos, melhorando sua infraestrutura, aprimorando a apresentação de seu acervo e incrementando sua interatividade com o público.

O Museu hoje

Ocupando uma área de 1.260m², o museu conta com cerca de 25.000 itens, incluindo armas, munições, equipamentos, documentos, publicações e fotos que retratam a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Abriga um dos maiores acervos da Força Expedicionária Brasileira no país, sendo referência para escolares e turistas, brasileiros e estrangeiros.

A missão do museu é preservar a memória dos expedicionários e transmitir valores, como coragem, abnegação e patriotismo.



Foto: Cabo J. Carvalho

Acervo

As salas de exposição estão estruturadas de forma temática para facilitar a interatividade com o público.

Na ala de entrada, o visitante encontrará uma introdução à Segunda Guerra Mundial, detalhando o que foi o conflito e os principais aspectos da participação do Brasil.

Na sequência, acessando as duas alas do piso superior e, posteriormente, terminado a visita no piso inferior da ala esquerda, várias outras salas apresentam diferentes temas:

- uniformes, mapas, objetos e maquetes;
- Marinha do Brasil e Grupo de Aviação de Caça;
- material de engenharia e de comunicações;
- armamento leve e pesado e munições diversas;
- serviço de saúde e enfermeiras;
- países do Eixo;
- guerra psicológica e imprensa da época;
- alimentação e material de acampamento;
- Sargento Max Wolf Filho; e
- LPE.







Sargento Max Wolf Filho

Max Wolf Filho nasceu em 29 de julho de 1911, em Rio Negro/PR. É reconhecido como um dos heróis brasileiros na Segunda Guerra Mundial. Começou sua carreira militar aos 18 anos, quando se alistou no 15º Batalhão de Caçadores, em Curitiba/PR. Em 1930, ingressou na Polícia Militar do Rio de Janeiro, lá permanecendo até 1940. Além disso, lutou na Revolução Constitucionalista de 1932. Em 1944, voluntariou-se para participar da Segunda Guerra Mundial, como sargento, no 11º Regimento de Infantaria, localizado em São João Del Rei/MG.

Desembarcou na Itália em setembro de 1944. Com seus 33 anos, era um homem maduro, com larga experiência de caserna e também de combate. Liderou mais de 30 missões de patrulha e, para muitas dessas missões, apresentou-se como voluntário. Em sua folha de serviços, constam diversos elogios de seus comandantes, destacando sua liderança, determinação e coragem.

Bastante respeitado pelos seus amigos de farda, em várias ocasiões cumpriu missões difíceis, em áreas dominadas pelo inimigo, resgatando mortos e feridos ou remuniciando frações mais afastadas. Pela sua abnegação e bravura, foi condecorado com a Medalha Bronze Star (EUA), pelo General Truscott, comandante do 4º Corpo de Exército. Recebeu, também, do Governo brasileiro as Medalhas de Combate, de Guerra, de Campanha e Sangue do Brasil.



Cruz de Combate
(à esquerda)



Destinada aos militares que se distinguiram em ação. A de 1ª Classe, em prata dourada, é entregue a todos os que praticaram atos de bravura ou revelaram atos de sacrifício no desempenho de missões em combate, podendo também ser conferida a unidades que se destacaram no combate.



Medalha de Guerra
(à direita)

Concedida a oficiais da ativa, reserva ou reformados, bem como a civis que tenham prestado serviços relevantes ao esforço de guerra, preparo de tropa ou desempenho de missões especiais confiadas pelo Governo dentro ou fora do território nacional.



Em sua última Patrulha, em 12 de abril de 1945, na região de Montese, foi atingido pelos tiros de uma “Lurdinha” (apelido que os brasileiros davam a uma metralhadora alemã), vindo a falecer. Por meio da leitura das cartas enviadas pelo Sargento Max Wolf Filho à sua filha Hilda, à época com apenas 6 anos de idade, podemos observar o lado humano de um combatente e pai, expressando, em poucas linhas, o seu amor e carinho dedicados à filha que deixou no Brasil.



Medalha de Campanha
(à esquerda)

Conferida aos militares da ativa, reserva ou assemelhados que participaram de operações de guerra, sem nota desabonadora.



Medalha de Sangue
(à direita)

Criada para agradecer os feridos de guerra, desde que tenham sofrido tal ferimento em consequência de ação objetiva do inimigo.



Medalha Bronze Star

A **Bronze Star Medal** (Estrela de Bronze) é uma condecoração individual das Forças Armadas dos EUA, criada em fevereiro de 1944, que pode ser concedida a seus membros ou mesmo a militares estrangeiros por bravura, atos ou serviços de mérito.



Thalia 31 de Março de 1945
 A minha idolatrada filhinha,
 Beijo-te e abraço minha adorável belginha
 as saudades são imensas, quanta vontade de sair
 pra a tua vez, de sentir os teus carinhos. de vir
 a beguinha aberta, ou não fica mais aberta?
 Gostou do banho de mar? aprendeu a nadar?
 O Ananias disse que o D. Cícero estava um do-
 tinho tu, dan muito? Você ainda gosta muito de
 pipas? e o vira-lata ainda faz muito barulho?
 Minha belginha, passei 6 dias no Ponca, foi seis
 dias no Jaraíso, é uma verdadeira maravilha, visitei
 o Vaticano, subi abençoado do Papa, gostei muito de
 passei, só faltou a tua presença, para completar
 a minha satisfação. Tive esta caricatura para
 ver como está o teu coração. Terminando transmito
 lembranças a D^{ma} Maroca e a D^{ta} Lourdes e um abraço
 especial a todos, mil e mais beijos e abraços do teu



SARGENTO MAX WOLFF FILHO: Soldado, Herói e Pai
 Entrevista com a Sra. Hilda Wolf Della Nina



Remetente, Argentino
 Max Wolff Filho
 F.E.B. - 11262



A Menina
 Hilda. C. Wolff.
 Aos cuidados do Sr. Gen. Oscar do Amaral.
 Rio de Janeiro - Distrito Federal - Brasil
 Rua. Do Regende N.º 92 - Distritoria de Vigilancia

A HILDA COMO RECORDAÇÃO DO TEU PAI

O Museu do Expedicionário dedica uma de suas salas à memória desse herói, com alguns de seus pertences e cartas escritas para a sua filha Hilda, à época com cerca de 5 anos de idade. Nesses documentos, destacam-se o seu amor pela filha e a vontade de retornar ao final da guerra para revê-la. Cultuar a memória do Sgt Max Wolf é valorizar os feitos de nossos expedicionários, que, vencendo todas as dificuldades, souberam dar o melhor de si e escrever páginas gloriosas da nossa história militar, como os combates de Monte Castelo, Montese e Collecchio-Fornovo.

Foto: Cabo J. Carvalho

ROME 1945





Foto: Cabo J. Carr

Museu do Expedicionário

Endereço

Rua Comendador Macedo, 655
Praça do Expedicionário – Alto da XV
80060-180 – Curitiba/PR – Brasil

Contatos

(41) 3362 8231
museudoexpedicionario.eb@gmail.com
www.museudoexpedicionario.5rm.eb.mil.br

Horários de visitação

- De terça a sexta-feira: 09h00-12h00 e 14h00-17h00
- Sábado, domingo e feriado: 10h00-12h00 e 14h00-17h00

Visitas guiadas mediante agendamento prévio

Entrada gratuita



Tour virtual



SARGENTO: liderança conquista-se pelo exemplo

*Cel R1 Marcelo de Freitas Ferreira



Na face interna do Portão da Armas da Escola de Sargentos das Armas, está posta a frase “Sargento: liderança conquista-se pelo exemplo”, de tal forma que todos os integrantes da ESA, particularmente os alunos, vejam-na sempre que saírem da escola. A referida frase inspira toda uma proposta de ensino, baseada no desenvolvimento da liderança, dentre outros conteúdos atitudinais, e nos conduz ao herói militar brasileiro da Segunda Guerra Mundial – o Sgt Max Wolf Filho.

*Marcelo de Freitas Ferreira é coronel R1 da arma de infantaria, da turma de 1984. Foi instrutor, chefe da Divisão de Ensino e subcomandante da Escola de Sargentos das Armas (ESA). É mestre em Aplicações Militares (EsAO/1993) e possui diversas especializações na área educacional. Atualmente, é assessor cultural e de ensino, da ESA.



A PATRULHA DO SARGENTO MAX WOLFF FILHO



Durante a II GM, a atuação de pequenas frações táticas muito contribuiu para o sucesso alcançado pela Força Expedicionária Brasileira na sua vitoriosa trajetória em solo italiano. Atuando em proveito da manobra dos escalões superiores, grupos de combate conduziram variadas missões típicas de patrulha, seja infiltrando-se através das posições inimigas para colher informações, seja degradando o poder de combate alemão por meio de ações ofensivas. Nessas missões de combate sobressaíram atos de coragem, liderança e iniciativa.

No dia 12 de abril de 1945, como prelúdio à conquista de Montese, o 11º RI enviou patrulhas para reconhecer a região de Monte Forte e Biscaia. Uma delas era comandada pelo 2º Sgt Max Wolff Filho. Ao atingir um casarão, a patrulha foi surpreendida por intensos fogos de armas automáticas. Retirando para uma posição abrigada, os pracinhas constataram que a única baixa decorrente da ação inimiga havia sido seu comandante, ferido mortalmente na altura do peito. Bravo entre os bravos, o Sgt Max Wolff deslocava-se, ao ser atingido, à frente de seus homens.

Por ato do Sr Comandante do Exército, assinado a 23 de abril de 2007, a Escola de Sargentos das Armas, cuja missão precípua é formar os líderes de pequenas frações da Força Terrestre brasileira, recebeu a denominação histórica **Escola Sargento Max Wolff Filho**. Dessa forma, a EsSA passa a ter, com orgulho, seu nome associado, indelévelmente, ao deste herói de guerra que personificou todos os atributos, as virtudes e os valores inerentes ao sargento combatente do Exército Brasileiro.

A fotografia acima retrata o grupo de combate do 2º Sgt Max Wolff momentos antes de partir para o cumprimento de sua missão. O monumento busca reproduzir no terreno a derradeira imagem da Patrulha do Sgt Max Wolff Filho e materializa a justa homenagem dos integrantes da EsSA a seu patrono, herói maior da Força Expedicionária Brasileira.

Três Corações, 21 de agosto de 2007.
62º Aniversário da EsSA

“

Max Wolf Filho foi um sargento combatente possuidor de virtudes e atributos dignos de servir à pátria, configurando-se um eterno exemplo aos sargentos combatentes do Exército Brasileiro. Em sua atuação, durante as batalhas que envolveram a Força Expedicionária Brasileira, o militar destacou-se por sua bravura, competência profissional, intrepidez e disciplina, além de ter demonstrado espírito de liderança e desprendimento.

”

Constam de citações históricas que Max Wolf Filho frequentemente se apresentava como voluntário para o cumprimento de difíceis missões de combate. Entre elas, destaca-se aquela em que, num gesto de abnegação e destemor, constituiu uma patrulha que reconduziu o capitão João Tarcísio Bueno às linhas amigas, pois ele se encontrava gravemente ferido em ação, em local perigoso, facilmente sujeito a ser abatido por fogos das linhas alemãs. Assim, a conduta heroica do nosso sargento, sua grande intrepidez e seu elevado espírito ofensivo foram reconhecidos com várias medalhas de campanha.

O sargento Wolf foi comandante de um pelotão especial destinado a patrulhas de reconhecimento em situações excepcionalmente perigosas. E foi à frente desse pelotão, depois de inúmeros e heroicos feitos, que o combatente veio a tombar em missão de patrulha nas proximidades de Maserno, mais precisamente na Batalha de Montese, ao avançar por uma encosta em ação de reconhecimento, quando foi atingido por uma rajada de metralhadora. Max Wolf Filho pereceu em combate, a 12 de abril de 1945, sendo promovido *post mortem* ao posto de segundo-tenente, por Decreto Presidencial datado de 8 de junho de 1945.



Em face das diversas demonstrações de coragem, disciplina, ação de comando, noção de cumprimento do dever e, sobretudo, de patriotismo, o nome de Max Wolf Filho é, hoje, símbolo de maior herói para os sargentos do Exército Brasileiro, o que justifica a associação de seu nome à Escola de Sargentos das Armas.

Pelos registros históricos existentes, o sargento evidenciou, em combate, atitudes, virtudes, valores e atributos desejáveis para qualquer militar e que, por isso, muitos deles correspondem aos atributos que a ESA se esforça para desenvolver e incutir em seus alunos – futuros sargentos combatentes.

“

Nesse contexto, ao tornar-se “Escola Sargento Max Wolf Filho”, a Escola de Sargentos das Armas, cuja missão precípua é formar os sargentos combatentes do Exército Brasileiro, associou indelevelmente seu nome ao personagem histórico, herói de guerra e possuidor de atributos utilizados como referencial positivo e totalmente desejável para a formação do sargento.

”

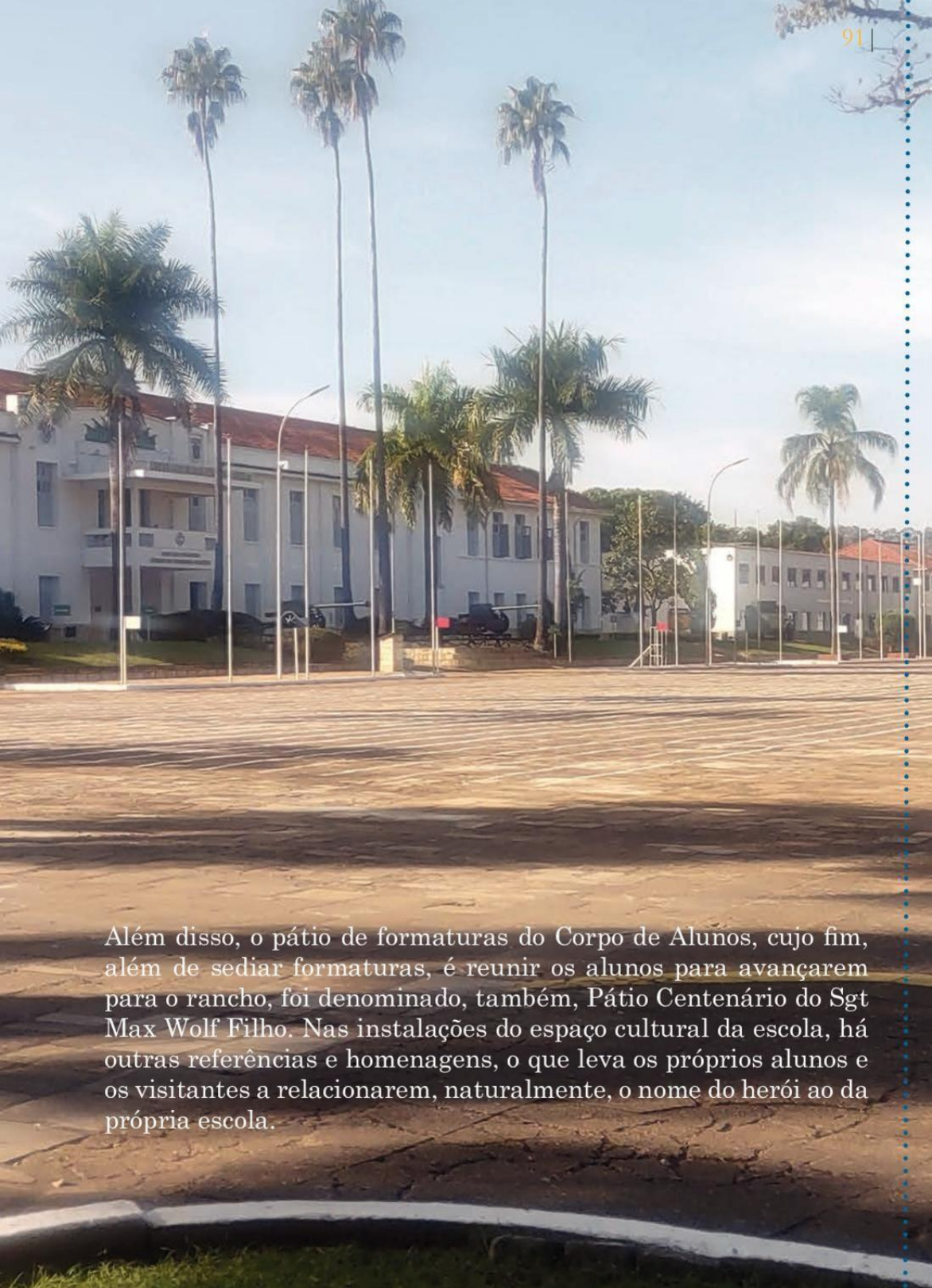
O reconhecimento e a reverência ao sargento Wolf são realmente praticados na ESA, uma vez que o pátio de formaturas tem a denominação de Pátio Sgt Max Wolf Filho e conta, na extremidade de entrada, com a sua figura esculpida, em tamanho natural, dotado de iluminação própria. Próxima à região central desse pátio, há a escultura da patrulha do Sgt Max Wolf Filho.



S DE PEQUENAS FRAÇÕES







Além disso, o pátio de formaturas do Corpo de Alunos, cujo fim, além de sediar formaturas, é reunir os alunos para avançarem para o rancho, foi denominado, também, Pátio Centenário do Sgt Max Wolf Filho. Nas instalações do espaço cultural da escola, há outras referências e homenagens, o que leva os próprios alunos e os visitantes a relacionarem, naturalmente, o nome do herói ao da própria escola.

SARGENTO MAX WOLF FILHO

A rajada de metradora rasgou o peito do sargento Max Wolf Filho. Instintivamente ele juntou as mãos sobre o ventre e caiu de bruços. Não se moveu mais. O tanque que estava na ponta de observação apertou os dentes para não fazer uma palavra. Quando perguntado ao homem que havia tombado era o sargento Wolf, ele balbucou afirmativamente e cabeça.

Do lado e meio de tarde a patrulha estava a menos de um quilômetro do último objetivo e em silêncio. Um novo grupo de alemães sobre uma lombada baixa. O sargento Wolf deu ao último passo a frente. Então uma rajada curta e serrada rasgou o abdômen do soldado e o sargento caiu de bruços sobre a grama.

Os alemães ficaram espantados, rápidos, e os alemães começaram a atrair bloqueando a progressão dos brasileiros com uma chuva de granadas de mão e tiros de metralhadoras. Lançaram em seguida foguetes incendiários, pedindo fogo de suas baterias. Pouco depois, os artilheiros da artilharia pesada começaram a artilhar a posição parando a patrulha.

Do lado das dezesseis horas, os homens da patrulha do sargento Max Wolf Filho retornaram ao posto de observação do 1º de Maio. Lá estava o Max. O sargento que estava lá há os olhos rasos de sono. O sargento estava morto.

Do lado das dezesseis horas para a batalha. Morreu o Max Wolf. O corpo do Sargento Wolf foi levado para o lado da morte de Max. O corpo do Sargento Wolf foi levado para o lado da morte de Max. O corpo do Sargento Wolf foi levado para o lado da morte de Max.





Além dessas referências, foi criado o sabre-baioneta Sargento Max Wolf Filho, instituído por meio da Portaria nº 1.660, de 28 de novembro de 2017, do Comandante do Exército. A criação do sabre teve como principal finalidade fortalecer e disseminar os hábitos, as atitudes e condutas tradicionalmente praticados nas atuais escolas de formação de sargentos (Escola de Sargentos das Armas, Escola de Sargentos de Logística e Centro de Instrução de Aviação do Exército), voltados para o aprendizado da história da Força, para o culto aos seus heróis e para o desenvolvimento das virtudes castrenses, consolidados ao longo da carreira das praças.

O sabre-baioneta Sgt Max Wolf Filho foi inspirado no sabre-baioneta do fuzil Mauser, modelo 1894, utilizado pelos alunos da então Escola de Sargentos de 1894 – gênese das atuais escolas de formação de sargentos. Ele é do mesmo modelo utilizado pelo Sgt Max Wolf Filho durante as Revoluções de 1930 e 1932 e representa as virtudes militares evidenciadas por ele, destacado herói brasileiro da Segunda Guerra Mundial e integrante da Força Expedicionária Brasileira (FEB). Dessa forma, o sabre é uma forma justa de prestar-lhe homenagem, estabelecendo mais uma referência simbólica desse herói militar para os alunos das escolas de formação de sargentos.





“

Ao longo dos dois anos de formação do sargento, fundamentados por um processo de ensino-aprendizagem que privilegia o desenvolvimento de valores, virtudes e atributos, forma-se e consolida-se o espírito militar dos alunos, desenvolvendo a liderança e os valores militares da disciplina, coesão, camaradagem e honra, assim como patriotismo e espírito de corpo, entre outros. Com isso, preservam-se as tradições e as crenças do Exército Brasileiro. Assim, transmitem-se e perpetuam-se os valores militares e forjam-se os líderes do futuro.

”



20º Batalhão de Infantaria Blindado

Batalhão Sargento Max Wolf Filho

O 20º RI, unidade origem do 20º BIB, foi criado pelo Decreto-Lei nº 4.794, de 6 de outubro de 1942. Instalou-se provisoriamente na Praça Rui Barbosa e, em março de 1943, transferiu-se para a Rua Carlos de Carvalho, nº 438, no centro de Curitiba, passando a ocupar em definitivo o aquartelamento do Bacacheri apenas no dia 29 de abril desse mesmo ano. Visando a uma melhoria estratégica, o 20º RI foi decomposto em três batalhões de infantaria, assim distribuídos: 1º e 2º Batalhões do 20º RI, sediados em Curitiba/PR, e 3º Batalhão do 20º RI, com sede em Joinville/SC.

Com o intuito de cumprir missões de segurança do litoral brasileiro, durante a Segunda Guerra Mundial, o regimento teve o seu 2º Batalhão deslocado para Paranaguá/PR e o 3º Batalhão para Itajaí/SC. Essas unidades permaneceram nas referidas localidades até o ano de 1946, após o que, o 2º Batalhão retornou para a sede do 20º RI e o 3º Batalhão foi extinto. Em 15 de janeiro de 1955, integrando o Exército Brasileiro num contexto de atualização técnica e tática, foi dada uma nova organização ao 20º Regimento de Infantaria, passando a existir somente o seu 1º Batalhão e, dessa forma, foi designado como 20º Batalhão de Infantaria.



EXÉRCITO BRASILEIRO
20º BATALHÃO DE INFANTARIA BLINDADO
"Batalhão Sargento Max Wolff Filho"



PAVILHÃO 2º Sargento MAX WOLFF FILHO

Classe 1912 / 11º Regimento de Infantaria.

Natural de Rio Negro, no estado do Paraná, filho de Max Wolff e Etelvina Pacheco.

Embarcou para além-mar em 20 de setembro de 1944, falecendo em ação no dia 12 de abril de 1945, em Maserno, Itália.

Foi sepultado no Cemitério Militar Brasileiro de Pistóia, sendo seus restos mortais transferidos para o Brasil em 1960.

Foi agraciado com as Medalhas de Campanha, Sangue do Brasil, "Bronze Star" (Estados Unidos da América) e Cruz de Combate de 1ª Classe. No decreto que lhe concedeu esta última condecoração, lê-se:

"No dia 12 de dezembro de 1944, durante o ataque de sua Unidade em Bombiana, Itália, o sargento Wolff demonstrou grande intrepidez e elevado espírito ofensivo. Tendo conhecimento que vários de seus camaradas jaziam feridos na "terra de ninguém" ofereceu-se voluntariamente para comandar uma patrulha, a fim de evacuar os feridos. Todos os padioleiros não puderam apanhar os feridos acima referidos, em virtude do intenso fogo inimigo. O sargento Wolff, apesar da escuridão e do nevoeiro, seguiu com sua patrulha para a "terra de ninguém" e conseguiu, com dificuldade, carregar os feridos para as nossas linhas. Muitas vezes o sargento Wolff, agindo como voluntário, tem cumprido perigosíssimas missões no comando de patrulhas, tendo sido sempre bem sucedido. O sargento Wolff tem constituído sempre um belo exemplo para os seus camaradas".



Referência: "OS MORTOS DA FEB" - MINISTÉRIO DA GUERRA -
BOLETIM ESPECIAL DO EXÉRCITO, de 2 de dezembro de 1944

SECRETARIA GERAL DO MINISTÉRIO DA GUERRA

“

A participação do 20° RI contra as nações do Eixo foi mais além da defesa do litoral brasileiro. Houve o envio de um significativo contingente para a Força Expedicionária Brasileira (FEB), composto de 380 (trezentos e oitenta) homens, que seguiram para compor as tropas da linha de frente, divididos no seguinte escalonamento: 179 (cento e setenta e nove) militares em abril de 1944; 111 (cento e onze) em maio de 1944; e 90 (noventa) em novembro de 1944.

No primeiro contingente, integrando o 6° RI, seguiu o soldado Constantino Marochi, natural de Campo Largo/PR, que foi o primeiro brasileiro a tombar nos campos de batalha da Itália, em 21 de setembro de 1944. Destacaram-se nessa campanha os seguintes heróis, que emprestam hoje seus nomes aos pavilhões e também à própria unidade: 1° Ten Inf José Maria Pinto Duarte; 2° Ten Inf Ary Rauen; 3° Sgt Inf Max Wolf Filho; Cb Inf João Fagundes Machado; Sd Inf Estanislau Woycike e Sd Inf José Domingues Pereira.

”



2º Ten Inf Ary Rauhen

1º Ten Inf
José Maria Pinto Duarte



Prefeitura do Distrito Federal, Departamento de Vigilância
 da Missa por alma de seu companheiro Max Wolff Filho em

MISSA POR ALMA

Vigilante - Cb Inf

Max Wolff Filho

às 10 horas

NOMES DOS ASSISTENTES

RESIDENCIAS

Alcides Lourenço	R
Marcos da Esp. T. Lanto	R. Engenheiro Nazare, 10
Manoel Mario i. S. S. S.	Goia, R. L. 92. 10
Rela. Associação dos Vigilantes	Goia, R. L. 92. 10
da Prefeitura do D. Federal	Joaquim Souza Almeida
Existentes no Distrito Federal	Juliana F. de Albuquerque
Serebshitz	Chelovio Tupanambá
Feliciano Primo Pereira	9.º D.V.
Joaquim Cardoso Lopes	Goia
Israel Massier	
Ameyrio Macena	
Leopoldo Gomes de Souza, 1 PV 2	



Cb Inf

João Fagundes Machado

Sd Inf

Estanislau Woycike

Sd Inf

José Domingues Pereira

Cadernos de Liderança Militar

PAVILHÃO SGT MAX WO



LHÃO OLF FILHO

BIBLIOTECA







“

Além da Segunda Grande Guerra, o 20 ° RI tomou parte nas seguintes missões: em junho de 1958, recebeu a missão de incorporar, selecionar e preparar voluntários para o 3º/2º RI (Ba Suez); em 1964, impelido pelos ideais da Revolução Democrática de 1964, atuou na defesa dos órgãos públicos, nas cidades de Curitiba e Paranaguá/PR.

”



Vídeo - Sargento Max Wolf:
75 anos sem o maior herói da FEB







Com o reaparelhamento do Exército Brasileiro, em 1972, a unidade absorveu a mais inovadora tecnologia militar existente na época, o blindado, que lhe deu a denominação de 20º Batalhão de Infantaria Blindado. Em 20 de Julho de 1994, passou a ser denominado “BATALHÃO SARGENTO MAX WOLF FILHO”, em homenagem ao militar falecido em combate durante a Segunda Guerra Mundial.

Inicialmente uma unidade composta por três companhias de fuzileiros e uma companhia de apoio, em 2008 foi inaugurada mais uma companhia de fuzileiros, com a finalidade de adequar a OM às características da infantaria blindada.





Em julho de 2010, enviou um contingente de cerca de 80 (oitenta) militares para compor o 14º contingente do Exército Brasileiro no Haiti, atuando naquele país sob os auspícios da Organização das Nações Unidas.

Com a operação de pacificação instaurada nos morros do Alemão e da Penha, na cidade do Rio de Janeiro/RJ, 154 (cento e cinquenta e quatro) militares foram enviados, em maio de 2011 para compor as Unidades de Polícia Pacificadora nesses locais.

Em abril de 2012, o batalhão enviou 69 (sessenta e nove) militares para comporem o 16º contingente da ONU para estabilização da paz no Haiti. Em maio de 2013, novamente o Batalhão Sgt Max Wolf Filho contribuiu para a missão que enverga o nome de MINUSTAH, enviando dessa vez 68 (sessenta e oito) militares para integrarem o 18º contingente.

Em 2014, devido à continuidade do contexto da pacificação estabelecido no Rio de Janeiro, foi enviada, em um primeiro contingente, uma companhia e, depois, um pelotão de fuzileiros para a comunidade da Maré. Esse pleito veio a encerrar a sua participação, com sucesso, em julho de 2015, após o Exército passar o comando das operações no local para a Polícia Militar do Rio de Janeiro.





ENTREVISTA



1º Tenente Edi Carlos Bernadino

Adj Cmdo Ex – maio de 2019 a março de 2022

Maj R1 Edgley Pereira de Paula e Profa. Dra. Débora Duran

A photograph of a wooden podium with a black nameplate. The nameplate displays the text 'TEN EDI CARLOS' in large, bold, yellow-green capital letters. A microphone is positioned on top of the podium. The background is dark blue.

TEN
EDI CARLOS





Como teve início sua história profissional no Exército Brasileiro e como chegou a ser adjunto de comando do Exército?

Nasci e cresci no interior do Estado de Santa Catarina e foi na adolescência que despertou, em mim, o interesse em servir ao Exército. Não sou de uma família de militares, porém meu pai serviu, como soldado, e certamente isso me motivou. Confesso que não tinha noção de como era a carreira das armas e, por falta de conhecimento à época, pensava que a única porta de entrada seria o serviço militar obrigatório.

Alistei-me no ano de 1990, na cidade de Blumenau/SC, pois, na cidade de Ilhota/SC, onde morava, os jovens não eram convocados. Ingressei nas fileiras do Exército em 4 de fevereiro de 1991, como soldado, no 23º Batalhão de Infantaria. Naquela organização militar, fui promovido a cabo e terceiro-sargento temporário. No ano de 1994, graduei-me terceiro-sargento de infantaria na Escola de Sargentos das Armas (ESA).

Para tentar responder à pergunta de como cheguei a ser adjunto de comando do Exército, reconheço que sou privilegiado por sempre compor equipes de brilhantes profissionais, oficiais e graduados. Durante minha carreira, muito mais aprendi do que ensinei, muito mais recebi do que pude dar. Aproveitei a oportunidade para externar, nesta entrevista, minha sincera gratidão aos inúmeros exemplos de liderança que tive durante minha trajetória como integrante do invicto Exército de Caxias. Foram os exemplos de profissionalismo que me conduziram ao cargo de adjunto de comando do Exército.

Ao assumir a função, logo percebi que não se tratava apenas de uma distinção. Recebi a mais complexa e desafiadora missão da carreira, porém a mais honrosa. Foram noites insones sob a constante preocupação de como atuar em uma função que impacta a cultura institucional de nossa Força, ou seja, um graduado como assessor do comandante do Exército.

O azimute sempre foi buscar o entendimento, em todos os níveis, de que atribuir maiores responsabilidades ao sargento é fortalecer a própria instituição, com uma base sólida e eficaz. Quanto melhor for a formação do sargento, mais aprimorado e atrativo for seu plano de carreira, melhores e mais motivados profissionais das armas serão para a manutenção de um componente terrestre moderno, coeso e dotado das capacidades necessárias para cumprir sua missão.









Quando você se recorda da Escola de Sargento das Armas, da sua época de aluno, o que lhe vem à mente?

“

Quando concluí o curso de cabos e ao ser promovido, percebi que o Exército valorizava o esforço e tratava-se de uma instituição que prioriza o mérito. Para um garoto da “roça”, era um mundo de oportunidades que se abria. Percebi, naquele dia, que poderia ser sargento de carreira.

Ao entrar pelo portão das armas da ESA, meu foco sempre foi ser forjado sargento do Exército Brasileiro e servir ao meu país. Utilizo a palavra “forjar” por entender que ser um profissional das armas não é ter “um trabalho, um emprego”. É uma vida de dedicação à Pátria, um sacerdócio. O que me vem à mente, quando me recordo da época de aluno da ESA, é entusiasmo, dedicação e conquista.

”



Na face interna do portão da Escola de Sargentos das Armas, deparamo-nos com a frase “Sargento: liderança conquista-se pelo exemplo”. De acordo com as suas práticas e vivências profissionais, o que seria liderar pelo exemplo?

Liderar pelo exemplo consiste na conquista da confiança, que gera a credibilidade. Isso é o que sustenta a liderança.

Ao sargento cabe conhecer muito bem sua profissão e, sobretudo, seus subordinados. Deve comunicar-se eficazmente e estar sempre pronto para corrigir com sereno rigor, apoiar nas dificuldades, e, não menos importante, emprestar bons exemplos em todas as oportunidades.

Estar próximo ao subordinado é indispensável para a construção de um ambiente favorável ao estímulo da confiança e da motivação. Por suas atitudes e verdadeiro interesse em seus subordinados, o comandante da pequena fração demonstra o valor de cada um para a instituição, obtendo como retorno a motivação de seus comandados nas diversas missões recebidas, resultando sempre em excelente desempenho coletivo.



A ESA, ou Escola Sargento Max Wolf Filho, procura traduzir, na figura do herói da FEB, o perfil do líder que pretende formar. A seu ver, por que o sargento Max Wolf Filho é uma referência de atitudes e valores para os líderes militares?

O sargento Max Wolf Filho personifica o amor e o comprometimento incondicional à Pátria, que se caracterizam pela vontade inabalável de cumprir o dever militar, mesmo que isso signifique o sacrifício da própria vida.

Para o desenvolvimento das capacidades que transformam homens “comuns” em profissionais prontos para garantir a soberania nacional, é necessário ter, antes de tudo, vocação, abnegação e coragem. Essas atitudes e valores são o legado deixado pelo sargento Max Wolf Filho.

Nesse sentido, a formação dos graduados do Exército Brasileiro é espartana, e assim continuará sendo, priorizando a preparação para o combate.





Você se recorda de alguma situação específica em que aprendeu uma lição inesquecível de liderança conquistada pelo exemplo?



Presenciei inúmeras situações que reforçam, a meu ver, que a conquista da liderança pelo exemplo é construída nos detalhes, incluindo as rotinas diárias. Somos levados a pensar que a conquista da liderança está restrita a atos de bravura, nos combates ou operações reais.

Gostaria de registrar, aqui, as inesquecíveis lições de liderança que tive e os respectivos líderes, mas certamente seria traído pela memória. Como forma de agradecer a todos, cito dois brilhantes soldados, sucessores de Caxias, como exemplos de lições diárias de conquista da liderança pelo exemplo, o Gen Ex Leal Pujol e o Gen Ex Paulo Sérgio, comandantes do Exército com os quais tive a honra de ser adjunto de comando.

A liderança conquistada pelo exemplo tem íntima relação com o aprimoramento das relações interpessoais na caserna, em que algumas rotinas são o azimute para o sucesso, e não há Exército contemporâneo que possa se desfazer delas.

Chamar seu subordinado pelo nome, saber onde mora, conhecer e se interessar por seus familiares, as conversas nas formaturas matinais, o treinamento físico militar por fração constituída, a manutenção do armamento junto com sua fração e as confraternizações são algumas das oportunidades de que o sargento precisa valer-se para estar mais próximo ao subordinado. É preciso tratar, sempre, seu subordinado como um membro de sua família.

Quando realmente o conhecemos e identificamos suas qualidades, fica muito mais fácil atribuir responsabilidades. E é uma excelente oportunidade para gerenciar e desenvolver o potencial do militar. Permitir ao subordinado que tome decisões, que tenha iniciativa nos limites da intenção de seu comandante, é uma ação que valoriza o profissional e constrói sólidos laços de confiança. Dar autonomia para o subordinado é proporcionar a maturação da tríade “CONFIANÇA, CREDIBILIDADE, LIDERANÇA”.







Nos dias atuais, quais seriam os principais desafios relacionados à liderança enfrentados pelos líderes de pequenas frações?

Em face dos desafios dos dias atuais, da chamada Era do Conhecimento, a atuação do sargento deve ser pautada no pleno entendimento do paradoxo dos equilíbrios que envolvem o combate convencional e as novas demandas, a tecnologia e o fator humano, a tradição e a inovação. Os desafios são novos, mas os valores e as tradições do nosso Exército são os mesmos.

É essencial que o sargento tenha iniciativa, que conheça, controle, prepare e apreste muito bem os militares sob seu comando. Sua capacitação técnica aliada ao entusiasmo pela profissão militar é a sinergia perfeita para termos uma nova Força Terrestre para o mesmo Exército.



Sobre valores, honra e ética militar o senhor percebe nas gerações mais novas algum tipo de “crise moral”, que pode ser suprida pela relevância do estudo e da prática da liderança e dos valores militares na constituição do caráter militar nas escolas de formação?

Como primeiro-sargento, tive a oportunidade de ser monitor da formação básica da ESA. Posso afirmar que os sargentos das gerações atuais são muito mais bem formados do que os da minha geração. Estou me referindo à parte técnica, pois a formação atual tem duração de 2 anos, e as mais antigas, nas quais me incluo, eram formados em 10 meses.

“

Não percebo “crise moral” nas gerações mais novas. Entendo que toda conduta deva estar alicerçada nos Valores, nas Tradições e na Ética Militar. Cultuar as tradições da instituição é dar continuidade ao legado herdado de nossos antepassados e honrar o compromisso assumido de entregá-lo às novas gerações. Afinal, a palavra tradição, do latim *traditio*, significa “entregar, passar adiante”.

Dessa forma, entendo que a tutela e o constante vigiar junto aos sargentos recém-egressos das escolas de formação cessam no dia da formatura, simbolizada pela saída pelo portão das armas. Cabe aos graduados mais antigos, porém, ao receberem as novas gerações nos corpos de tropa, suprirem, por meio do exemplo, a prática da liderança, fortalecendo, sempre, a hierarquia, a disciplina e o culto aos valores e às tradições do Exército.

”



De que maneiras o exemplo do sargento Max Wolf Filho pode inspirar os sargentos do século XXI a enfrentarem suas batalhas cotidianas?

A coragem foi a marca do Sgt Max Wof Filho e certamente é o que inspira os sargentos do século XXI ao cumprimento da missão, enfrentando os desafios e as batalhas cotidianas com confiança, e não se preocupando com os riscos.

A firmeza de espírito do sargento Max Wolf Filho, demonstrada na Segunda Guerra Mundial, materializa a importância dos líderes de pequenas frações no preparo e emprego da tropa, assim como na evolução dos combates e na ligação entre o passado e o presente do invicto Exército de Caxias.







Se pudesse escolher uma palavra para qualificar o sargento Max Wolf Filho, qual seria? Por quê?

EXEMPLO!

Há várias maneiras de praticar a liderança, mas só tem uma que funciona, que é o exemplo.



Uma nova escola de sargentos para formar o líder de pequena fração preservando valores e tradições

***Gen Div R1 Joarez Alves Pereira Júnior**

A importância do líder militar

É inegável a importância do líder para a condução de qualquer grupo na obtenção de melhores resultados. Na profissão militar, o exercício da liderança é ainda mais relevante, uma vez que a existência do líder conduzindo a sua fração é fundamental para a motivação e para o sucesso em combate.

No século XVIII, o político e diplomata francês Charles-Maurice de Talleyrand resumiu essa importância ao afirmar: “temo mais um exército de cem ovelhas lideradas por um leão do que um exército de cem leões liderados por uma ovelha”. Bem mais tarde, no século XX, essa realidade permaneceu imutável para os militares, e o professor emérito da Harvard Business School, John P. Kotter, autor de vários livros de liderança, atestou que “Ninguém descobriu ainda como gerenciar pessoas de forma eficaz em uma batalha. Elas devem ser lideradas”.

*Joarez Alves Pereira Júnior é general de divisão R1, oriundo da arma de cavalaria, da turma de 1982. Além dos cursos brasileiros da carreira militar, realizou o mestrado em Estudos Estratégicos no U.S. Army War College e o curso de Política e Estratégia de Defesa na National Defense University, nos EUA. Comandou a Escola de Administração do Exército, o Colégio Militar de Salvador, a 3ª Brigada de Cavalaria Mecanizada, a 6ª Região Militar e exerceu a função de vice-chefe do Departamento de Educação e Cultura do Exército. Atualmente, é assessor do DECEX e gerente do subprograma Escola de Sargentos do Exército.

Adentramos no século XXI, na chamada Era do Conhecimento, sem que a necessidade de formar líderes militares sofresse alteração. E, nesse diapasão, a atual Escola de Sargentos das Armas (ESA), referência principal na formação dos sargentos de carreira do Exército Brasileiro, que compõem 62% do efetivo profissional da instituição, substituiu, em 2019, os dizeres garrafais estampados no pátio principal da escola, de “Sargento, elo fundamental entre o Comando e a Tropa” para “Aqui são forjados líderes de pequena fração”.

Os sargentos formados pelo Exército, ao chegarem a seus quartéis, exercerão a liderança direta sobre seus pequenos grupos, interagindo, com proximidade, com os cabos e soldados a eles subordinados. Terão a responsabilidade de liderar essas frações quando em operações e serão, constantemente, o exemplo a ser seguido, influenciando decisivamente o sucesso das ações desenvolvidas.

Esse mote maior e mais nobre, de formar os líderes de pequena fração, é que orienta a sistemática atual de todas as organizações militares envolvidas no processo de formação dos sargentos de carreira, que é eficiente, mas que pode e precisa ser melhorada.



O modelo atual de formação

Desde a primeira iniciativa de centralização da formação dos sargentos, no Forte São João, na Urca, no Rio de Janeiro, no final do século XIX, o modelo de formação vem se transformando e se aperfeiçoando, até chegar ao formato atual.

A última mudança significativa ocorreu em 2019, quando o curso, além de formar, passou também a graduar os sargentos em nível superior, no grau de tecnólogo. Às exigências do ensino técnico profissionalizante foram associadas as capacitações acadêmicas coerentes com a graduação a ser obtida. A carga horária foi ampliada e o curso passou a desenvolver-se em dois anos integrais, além dos estágios obrigatórios.

O primeiro ano do curso, identificado como *período básico*, é comum a todas as especialidades e é conduzido em 13 diferentes organizações militares (OM), sob orientação da ESA. Essas OM, chamadas Unidades Escolares Tecnológicas do Exército (UETE), estão distribuídas pelo território nacional, do Ceará ao Rio Grande do Sul.





SARGENTO LOGÍSTICA BRASIL





Já no segundo ano, no chamado *período de qualificação*, os alunos são distribuídos em três diferentes escolas. A Escola de Sargentos das Armas (ESA), em Três Corações/MG, forma os profissionais das seguintes armas: infantaria, cavalaria, artilharia, engenharia e comunicações. Os sargentos do ramo logístico, ou seja, os profissionais de intendência, material bélico, manutenção de comunicações, saúde, topografia e música, são formados na Escola de Sargentos de Logística (EsSLog), situada na cidade do Rio de Janeiro/RJ. Por fim, os sargentos de manutenção de aviação têm sua formação no Centro de Instrução de Aviação do Exército (CIAvEx), em Taubaté/SP.



Apesar da reconhecida qualidade dos profissionais formados nesses 16 diferentes locais, o processo descentralizado de formação apresenta algumas carências que precisam ser minimizadas com a criação de uma nova escola para centralizar todos os alunos, por dois anos, para formação e graduação em um único estabelecimento de ensino.

Uma nova escola para formar líderes

A partir de 2020, o Exército Brasileiro decidiu estudar a viabilidade de implantação de uma nova escola, uma escola única que possa centralizar toda a formação e graduação dos sargentos de carreira, sendo capaz de otimizar processos e métodos educacionais modernos.

Apesar da concepção transformadora a ser estabelecida, essa nova escola deverá preservar os valores e tradições do Exército Brasileiro na formação dos seus sargentos. A educação militar sustenta-se no tripé ensino, pesquisa e internalização/desenvolvimento de valores e atitudes, particularmente daqueles afetos diretamente à profissão militar, como o patriotismo, a honra, a lealdade, o amor à verdade, a fé na missão, a dedicação, a disciplina, o respeito aos preceitos hierárquicos, entre outros. Esses mesmos valores e atitudes são, também, fundamentais para o exercício da liderança.

“

Warren Bennis, considerado um dos pioneiros do estudo da liderança contemporânea, afirmou que “líder tem que possuir competência, visão e virtude”. Portanto, a nova escola, que irá forjar os líderes de pequena fração, deverá ser capaz de trabalhar os valores do Exército Brasileiro a serem internalizados por seus alunos.

”



Soma-se a isso a necessidade de preservar as tradições militares, aquelas que caracterizam o Exército e o militar brasileiro, aquelas que ajudam a desenvolver o espírito de corpo, tão caro à efetividade no combate e que reforça a motivação para o enfrentamento das agruras da guerra.

A nova escola, portanto, preservando valores e tradições, trará uma série de vantagens para a formação profissional e, em consequência, para a instituição militar, quando comparada ao atual modelo com formação em 16 diferentes organizações militares.

“

A primeira grande vantagem é a possibilidade do estabelecimento de um ambiente modelar, referência a servir de inspiração para os sargentos ali formados. O antigo provérbio latino *verba movent, exempla trahunt* – a palavra convence, o exemplo arrasta – evidencia a verdade de que a convivência diária em um local que sirva de bom exemplo será a imagem que irá influenciar o modo de proceder dos futuros profissionais da Força Terrestre, muito mais do que qualquer palavra que possa ser proferida, por mais perfeita que seja a exposição.

”

A escolha do local onde se instalará a nova escola, depois de extensa busca em todo o território nacional – em Recife/PE –, destaca mais uma vantagem do novo estabelecimento de ensino. Permitirá trazer maior equilíbrio na distribuição das escolas de formação e pós-graduação, hoje muito concentradas na região sudeste, o que irá permitir um melhor recrutamento em âmbito nacional. Além disso, irá resgatar o marco simbólico da formação de parcela expressiva dos profissionais da Força no estado que é berço da nacionalidade e gênese do Exército Brasileiro.

A terceira vantagem diz respeito à criação do *espírito de turma*. Hoje, como já exposto, os alunos cursam o primeiro ano em 13 diferentes locais e se dirigem para 3 diferentes escolas para o período de qualificação no segundo ano. Embora pertençam à mesma turma de formação, muitos nem se conhecem. Ao reuni-los em um mesmo local, por um período de 2 anos em regime de internato, verdadeiros irmãos de profissão serão formados, e essa irmandade estabelecida será sustentáculo de apoio e superação nos momentos mais difíceis. O espírito de turma será a moldura para o desenvolvimento do espírito de corpo, tão salutar para os profissionais das armas.

Ao centralizar todos os alunos em um mesmo local, o trabalho a ser desenvolvido para a assimilação e internalização de valores e atitudes será facilitado, e essa quarta vantagem da nova escola é fator significativo. Primeiramente porque o padrão de demonstração, observação e exigência comportamentais poderá ser praticado de forma uniforme para todos. A presença de um único comandante da escola, em elevado nível de oficial-general, somada à existência de um grupo único do corpo permanente a conduzir as ações, trará reflexos positivos para o ambiente escolar. Além disso, a presença dos alunos do 2º ano, junto aos alunos do 1º ano, hoje inexistente, facilitará o convívio diário e a transmissão de informações, comportamentos e modelos culturais a serem assimilados pelos mais novos.

A nova escola apresenta como quinta vantagem a possibilidade de oferecer melhores condições para a seleção e concentração de instrutores, hoje uma das grandes carências, particularmente no 1º ano, distribuído em 13 diferentes locais.

“

Os instrutores e monitores conduzem o dia a dia da instrução militar e são não somente os transmissores de conhecimento, mas também a referência e o exemplo para os alunos, ou seja, têm influência direta em suas formações. Quanto mais amplo, mais diversificado e mais qualificado o quadro de instrutores e monitores, melhor a qualidade da formação. As vantagens da guarnição de Recife, no que diz respeito à qualidade de vida e de suporte à família militar, serão atrativos para o corpo permanente.

”

A sexta vantagem diz respeito ao chamado *senso de pertencimento*. A nova escola irá impressionar pela sua magnitude e imponência. O candidato, que passa por rigoroso processo de seleção, se sentirá orgulhoso de frequentar um ambiente escolar de tamanha importância para o Exército Brasileiro, estabelecimento que será referência nacional e internacional na formação de praças. O aluno sentirá a importância dada pela Força para a sua formação. Sentirá que o seu esforço para o ingresso foi recompensado e perceberá o quão importante ele é para a instituição e o quanto o Exército investe na sua formação.



“

Esse sentimento de pertencer, de ser acolhido, de ser importante para a instituição trará reflexos positivos para que a Força Terrestre tenha profissionais verdadeiramente comprometidos com os seus serviços em prol da instituição e, por extensão, da nossa Pátria.

”

A nova escola irá permitir a incorporação de processos educacionais modernos, e essa sétima vantagem é fundamental para o profissional a ser formado na Era do Conhecimento. A existência das estruturas adequadas e devidamente equipadas, laboratórios diferenciados, simuladores e outros equipamentos, associada à capacidade já mencionada de seleção e retenção de um corpo permanente qualificado, trará melhoras significativas na qualidade da instrução a ser ministrada. Além disso, a sua localização próxima a Recife permitirá intercâmbio com outros centros educacionais de referência.

Uma outra vantagem significativa, a oitava, será a *economicidade*. A dispersão em 16 diferentes locais obriga a existência de processos redundantes e de muitos deslocamentos dos alunos e instrutores. A logística para dar suporte é mais complexa e cara, além do que os cerca de 1.100 alunos do 1º ano recebem a devida indenização legal para serem transferidos de suas 13 sedes, onde cursam o 1º ano, para as três escolas que os qualificam no 2º ano. A economicidade se dará não somente no aspecto material, mas também em pessoal, haja vista a necessidade atual de profissionais com idêntica capacitação para a mesma atividade desenvolvida em 16 diferentes locais.

Por fim, destaca-se, como nona vantagem, a existência de campo de instrução contíguo à nova escola. Um dos processos pedagógicos mais praticados nas escolas militares é o aprender fazendo, com contínuas idas ao campo para colocar em prática os ensinamentos teóricos. A maioria dos atuais estabelecimentos de ensino formadores possui campo de instrução afastado da sede da escola, dificultando os deslocamentos e, por vezes, impossibilitando a realização do exercício prático. A nova escola irá possuir um campo de instrução contíguo, com dimensão e diversidade topográfica compatíveis para a realização de diferentes exercícios que serão necessários para a formação de 14 diferentes especialidades militares, combatentes e logísticas.

Para concluir

Ao decidir pela construção de uma nova escola de sargentos para a formação de parcela expressiva de seus profissionais, líderes de pequena fração, o Exército Brasileiro tomou uma decisão estratégica de investir no que lhe é mais caro: a qualidade dos seus quadros. Investir no seu pessoal é assegurar a melhoria da Força com solidez.

Decidiu, para tanto, oferecer estruturas modernas e muito mais apropriadas. Irá, no entanto, preservar a essência da formação militar, que é o desenvolvimento e internalização de valores, bem como a preservação das tradições que enriquecem e diferenciam a instituição militar. Tudo isso leva em conta que esses são aspectos fundamentais para a formação do combatente, líder de pequena fração, que a Nação precisa para cumprir a sua principal missão constitucional de defender a Pátria.



Textos do Gen Joarez





Os desafios educacionais relacionados à formação do sargento para o enfrentamento das demandas operacionais do século XXI

***Gen Div Vinícius Ferreira Martinelli**

Em 30 de novembro de 2015, entrei na Escola de Sargentos das Armas (ESA) pela primeira vez, já nomeado futuro comandante. Na oportunidade, ao receber a continência da guarda, surpreendi-me com o brado: **“Fé na Missão”**. Naquele momento, não dei importância à novidade, mas, depois de conhecer a fundo a formação dos futuros sargentos combatentes, percebi o quão significativo era o brado.

Do efetivo atual do Exército Brasileiro, entre os militares de carreira, as praças representam 64% do total. Dessa forma, é imprescindível focar na formação desse significativo patrimônio da Força Terrestre. Com a rapidez da obsolescência nos materiais de emprego militar (MEM), fruto das evoluções tecnológicas, cresce de importância para a Força Terrestre o investimento no recurso mais provável de ainda estar em uso no ano de 2050: seu capital humano. O investimento nos recursos humanos incide, sobretudo, no desenvolvimento da capacidade de adaptação aos novos cenários, o permanente culto aos valores institucionais e a expansão da capacidade de liderança.

*Vinicius Ferreira Martinelli é general de divisão, oriundo da arma de infantaria, da turma de 1985. Militar das Forças Especiais, foi instrutor na Academia Militar das Agulhas Negras, comandante do 14º Batalhão de Infantaria, adjunto da Comissão do Exército Brasileiro em Washington (EUA), assessor parlamentar, comandante do 20º Batalhão de Infantaria de Força de Paz, comandante da Escola de Sargentos das Armas (ESA), diretor de Educação Técnica Militar e diretor do Serviço Militar. Atualmente, é comandante da 7ª Divisão de Exército, no Recife.



O desenrolar do conflito entre Rússia e Ucrânia deixa evidente um modelo de guerra que se distingue dos últimos conflitos contemporâneos. No enfrentamento entre dois exércitos regulares, as ações são realizadas essencialmente dentro das frações constituídas, sendo o nível batalhão, possivelmente, a menor fração empregada. O batalhão enquadra companhias, estas enquadram pelotões e, estes, por sua vez, enquadram seus grupos de combate (GC). De forma simplificada, retrata, conforme Lind (1989), a *guerra de terceira geração*.

Esse tipo de confronto não tem sido, porém, o mais comum no século XXI. A *guerra assimétrica* ou *guerra de quarta geração*, caracteriza-se pelo desbalanceamento extremo de forças, opondo forças armadas regulares, subordinadas a um Estado, contra forças insurgentes, grupos não estatais e organizações criminosas aliadas às forças convencionais – normalmente em ambientes urbanos. Essas condições impostas têm obrigado o emprego de pequenas frações “isoladas”, em que não há um tenente presente ao lado do sargento para dar orientações, ordens e liderar.

No Exército Brasileiro, devido ao maior tempo de formação do oficialato, é comum a percepção de que a presença de oficiais à frente das decisões em combate é fundamental, até mesmo em atividades rotineiras importantes ou sensíveis. Nesse sentido, a experiência recente da Rússia na Ucrânia revela quão catastrófica pode ser essa tendência de tomada de decisão se ela estiver em nível acima do qual deveria

estar. De acordo com Livieratos e Skidmore (2022), “como os oficiais russos não delegam decisões a níveis inferiores, eles geralmente estão fisicamente localizados nesses escalões e, portanto, vulneráveis à segmentação do inimigo”, o que explica a grande quantidade de generais russos mortos no conflito.

Essa tendência também foi observada durante as guerras pós-11 de Setembro, no Exército Norte-Americano, no qual o aparato tecnológico permitia ao general acompanhar/comandar em tempo real as ações à frente do campo de batalha. Os processos de tomada de decisão excessivamente centralizados, especialmente dos militares russos, têm como consequência a falta de líderes subalternos fortes, um problema que aponta para novos desafios na formação das praças.

Apesar de não ter sido parte ativa em nenhum conflito nos últimos anos, o Exército Brasileiro tem participado de operações nas quais as pequenas frações (grupos de combate) atuam de forma descentralizada. Nesse tipo de situação, o comandante é obrigado a tomar decisões passíveis de comprometer a integridade de seus homens, causar efeitos colaterais ou, ainda, neutralizar elementos hostis ou “insurgentes”. O comandante de GC tem que decidir em poucos segundos se vai progredir, onde se abrigar, identificar o alvo, atirar, recuar etc. Foi assim nas operações de garantia da lei e da ordem (GLO) no Rio de Janeiro, bem como nos 26 contingentes brasileiros empregados no Haiti (sob a égide da Organização das Nações Unidas).

No combate convencional, o tipo de liderança a ser exercida nos diversos níveis de comando vai se modificando à medida que sobe o escalão da fração empregada. O modo de liderar de um comandante de brigada ou batalhão é diferente do exigido de um comandante de pelotão ou de um grupo de combate. Alguns atributos de liderança militar são necessários em qualquer que seja o nível de comando (exemplo, empatia, preocupação com o subordinado, justiça, dentre outros). O comandante do batalhão, contudo, lidera, indiretamente, pela sua capacidade e assertividade. Por outro lado, o líder de pequena fração, aquele que dá as ordens diretamente ao soldado, deverá ter a capacidade de estimular e impelir seus subordinados a enfrentarem o perigo com risco de suas próprias vidas. A possibilidade de análise frente ao inimigo é limitada ao seu espaço no terreno e às suas ordens superiores – o mais importante é executar o previsto conduzindo seus homens à frente.

Esse tipo de liderança exige um vínculo de confiança significativo, conquistado durante as fases anteriores ao combate, na convivência diária. Coragem, vigor físico, determinação, energia, confiança, veneração, estima, respeito, conhecimento das técnicas, táticas e procedimentos (TTP), emprego dos MEM, dentre outros, constituem um conjunto de competências a serem desenvolvidas. Nossas escolas de formação de sargentos combatentes já atuam para que esses objetivos sejam alcançados.

“

Nos combates atuais, contudo, onde a pequena fração atua com mais liberdade e flexibilidade, o comandante da pequena fração não terá seu superior imediato no mesmo quartelão ou na sua visada para indicar o caminho. Ele deverá decidir “o que fazer” e “como fazer”, com a pressão e a responsabilidade pela vida de seus soldados. Esse comandante deve ser capaz de solucionar uma gama de problemas complexos, partindo de soluções criativas e inéditas.

”

Assim, percebe-se uma mudança na forma de atuar (liderar), devendo, portanto, ajustar o “como formar”. Quais são as novas competências – que envolvem conhecimentos, habilidades, atitudes, valores e experiências –, que a Força precisa desenvolver e aperfeiçoar? Podemos inferir que, se nós instruímos os oficiais para exercerem esse tipo de liderança, podemos nos servir desse conhecimento na formação do sargento, preferencialmente, já com as adaptações do uso do arcabouço tecnológico. Convém lembrar que a formação do oficial já prepara o alicerce da liderança que será exercida nos outros postos da carreira, enquanto o sargento, mesmo após o Curso de Aperfeiçoamento de Sargento (CAS), perdura na **liderança direta** no nível pelotão.

A liderança direta é aquela em que os subordinados observam seus líderes o tempo todo e não é necessário um líder intermediário. O sargento recebe a ordem do seu comandante, entende a intenção e as traduz para os seus comandados, em termos apropriados. Para esse tipo de liderança, o sargento tem que buscar ser o melhor combatente da fração e deve saber desempenhar todas as funções que dele se espera. O soldado necessita confiar na competência profissional de seu líder e pressupõe que ele seja capaz de ensiná-lo a fazer sua tarefa (ADP 6-22).



A mudança da formação do sargento de técnica para tecnológica é o momento para realizar as adequações para o novo modelo de liderança exigido. O escopo da Educação Militar 4.0, que focaliza o protagonismo e engajamento do aprendiz, revela-se compatível com a formação de um novo líder que seja capaz de resolver problemas ainda desconhecidos. Talvez o termo mais adequado seja *transformação*, pela ação disruptiva em relação ao modelo anterior, no qual era maciço o emprego da memorização, do estudo de situações testadas e de soluções padronizadas; substituindo-o por novos modelos educacionais e por tecnologias que facilitem o desenvolvimento interativo, transdisciplinar, prático, dinâmico, virtual e *gameficado*.



Para o profissional do século XXI, devemos considerar, desde a formação, o aprimoramento do raciocínio lógico, raciocínio abstrato e o pensamento crítico, visando promover uma mente analítica, criativa e veloz, sem olvidar que a cultura institucional da formação desse profissional sempre será “espartana”. Não se pode perder de vista que, em apenas dois anos, objetiva-se formar o Líder da Pequena Fração, sendo a prioridade no primeiro ano a internalização dos Valores Militares e a Ética previstos no Estatuto do Militares e moldar o Soldado (com S maiúsculo mesmo) da Força Terrestre.

O passo inaugural para o sucesso na formação do futuro líder está na seleção dos candidatos a ingressarem na Força. Existem mecanismos que permitem identificar os que já possuem elevado potencial nas habilidades STEM (*Science, Technology, Engineering and Mathematics*), habilidades interpessoais e características de personalidade mais adequadas para o exercício profissional.

Os testes psicométricos e avaliações psicológicas obrigatórios, que fazem parte da última etapa do processo seletivo, logram mapear competências relacionadas ao desempenho do cargo, compostas por habilidades cognitivas e comportamentais, contribuindo nesse processo. As avaliações cognitivas permitem aferir a capacidade de raciocínio numérico, de memória e atenção, a agilidade mental e verbal. Enquanto, no campo comportamental, busca-se avaliar a resiliência, o caráter, a responsabilidade, a adaptabilidade e iniciativa, a aptidão para o trabalho em equipe e colaboração, a comunicação e o engajamento do futuro combatente.

A parceria recente entre o Centro de Psicologia Aplicada do Exército (CPAEx) e a Universidade de Brasília (UnB) já considerou esses objetivos. Será possível identificar aqueles que possuem esses atributos em nível elevado; os que têm um nível satisfatório – com possibilidade de desenvolvimento; e aqueles que não conseguirão acompanhar a progressão da formação (sendo estes reprovados).

“

Na Educação 4.0, os modelos de aprendizagem consideram que: “o conhecimento está disponível em todos os lugares”, “os professores estão em todas as partes”, “o aprendizado ocorre em todos os momentos”, “redes são a nova sala de aula” e “aprender será mais personalizado” (ELMORE, 2019). Sendo assim, a estrutura de uma Nova Escola deve favorecer novas metodologias ativas de aprendizagem. Espaços que favoreçam a busca do conhecimento disponível na “rede”, individualmente ou em grupo, deixando mais tempo para a prática (*Learningbydoing*) do que ele irá realmente fazer – LIDERAR SOLDADOS.

”

“

Todas as atividades devem buscar habilitar líderes eficazes no combate convencional e, particularmente, nos combates contemporâneos, nos quais não existe um inimigo formal ou plenamente identificado. Esse objetivo poderá ser alcançado desenvolvendo e potencializando atitudes como iniciativa, flexibilidade, criatividade, juízo, empatia, sociabilidade, dedicação, integridade e coragem (física e moral), com a educação centrada no aluno. Pouco disso será desenvolvido na “sala de aula”, a não ser que ele seja o instrutor, e não o instruendo. A maior parte da formação deverá ser “buscar o conhecimento” e a “prática de comandar”. O aluno só não estará comandando quando estiver dando a oportunidade para outro comandar, ocasião na qual ele estará aprendendo com os erros e acertos de seus companheiros e, especialmente, com os *feedbacks* dos instrutores.

”

No que diz respeito a “buscar o conhecimento”, a aprendizagem individual ou em grupos afins, com a construção do conhecimento de forma colaborativa, deve ser estimulada nos assuntos disponíveis na rede mundial de computadores ou bibliotecas digitais. Convém destacar que, no mundo digital, há uma diversidade de fontes e informações e, muitas vezes, diferente do idioma pátrio. A capacidade de filtrar essa gama de informações, bem como ler e interpretar em outro idioma, particularmente o inglês, é fundamental para a aprendizagem e a pesquisa. Esse é um desafio que pode ser minimizado ao aprofundar, paulatinamente, o nível de inglês exigido no exame de ingresso na escola de formação.

Durante a formação, deve-se evitar perder tempo com assuntos que dificilmente serão utilizados ou ficarão desatualizados rapidamente. E, no caso desse conhecimento ser necessário, a capacitação voluntária superará esse *gap* de competência. Podemos citar, por exemplo, o estudo dos armamentos, equipamentos de comunicações e outros MEM em uso. A evolução tecnológica fará com que o material estudado se encontre obsoleto em um curto período.

Para que a capacidade de entendimento e argumentação dos conteúdos pesquisados seja eficaz para o processo de aprendizagem, faz-se necessário superar uma adversidade em relação aos recursos humanos que ingressam na Força Terrestre, que é a dificuldade de interpretar, assimilar e transformar a informação em conhecimento elaborado e prático. A superação desse revés pode ser realizada pela priorização de programas de leitura dirigidos para a área de atuação do indivíduo e para a história militar, em que serão incorporadas experiências indiretas, apresentados padrões reconhecidos e soluções para questões táticas, operacionais e técnicas, permitindo uma aprendizagem significativa ao instruindo. Isso irá maximizar o repertório intelectual, de comunicação, de debate e de convencimento, incorporando à personalidade do aluno requisitos desejáveis no perfil do militar em formação e imprescindíveis para a plena liderança futura.

Considerando a rapidez da evolução tecnológica, as transformações culturais, a imprevisibilidade da conjuntura geopolítica atual e que o sargento formado hoje estará operando na Força Terrestre, no mínimo, até 2050, podemos depreender a necessidade de investir em profissionais preparados para um cenário de incertezas e condicionantes complexas – forjar combatentes para atuar no “mundo VUCA” (*volatility, uncertainty, complexity and ambiguity*). Esse conceito foi criado nos anos 1990, pelo Army War College, nos Estados Unidos, para descrever a dinâmica que passou a reger os acontecimentos no mundo, cheia de transformações e desafios em relação aos paradigmas até então definidos.



Deve-se, inicialmente, aperfeiçoar a metodologia de captação dos recursos humanos que irão ingressar na carreira das praças, estabelecendo objetivos específicos e precisos para a profissão, definidos no mais alto nível do sistema de educação militar – Departamento de Educação e Cultura do Exército (DECEEx) –, que devam ser alcançados com o apoio do Centro de Estudos de Pessoal (CEP) e do Centro de Psicologia Aplicada do Exército (CPAEx). A metodologia deve permitir a identificação das capacidades, habilidades e aptidões necessárias para o líder militar do século XXI relatadas anteriormente.

Na fase da formação, os objetivos almejados são educar e adestrar os alunos para se tornarem comunicadores assertivos, resilientes, líderes influentes e adaptáveis, capazes de solucionar problemas críticos, decidir e executar com agilidade em ambientes operacionais incertos e criar um ambiente colaborativo para o cumprimento da missão.

É categórica a necessidade de selecionar, preferencialmente oriundos da carreira das praças, um excepcional corpo docente, preparado para operacionalizar esse desafio, que possua os mesmos atributos de liderança que os alunos necessitam incorporar. O exemplo será de suma importância para a correta apropriação do perfil almejado. Por intermédio da liderança direta e da presença constante, esse corpo docente deve inspirar seus discentes a serem executantes perfeitos nas táticas individuais e sempre irem em busca do conhecimento técnico específico e necessário para o exercício de qualquer função ou missão atribuída.



“

Frente à oportunidade da construção de uma nova escola, é imperativo pensar nos espaços para as atividades de aprendizagem e desenvolvimento da liderança nas diversas modalidades, tudo com ênfase no uso das tecnologias disponíveis e no conceito de “aprender fazendo”.

”

Partindo do processo de (i) **aprendizagem tradicional** – professor e turma de aula, e abrindo as portas para outras modalidades, como (ii) **a investigação individual**, sobretudo através da *web*; (iii) **a aprendizagem colaborativa**, em grupo e com um facilitador definido conduzindo as atividades e, a mais inovadora, (iv) **a aprendizagem coletiva**, na qual os participantes possuem motivações, objetivos e expectativas comuns, sem hierarquia, com reuniões presenciais ou digitais, sendo a posição de destaque variável de acordo com a experiência ou com o momento da interação. Na prática, a exigência vai para além de salas de aula: devem ser pensados locais para pesquisa digital e experimentos individuais, reuniões de grupos (efetivo GC e Pel) em ambientes internos e externos (anfiteatros, pistas e campo de instrução com “tapiris”, que são palhoças ou choupanas construídas para abrigar provisoriamente, dentre outros).

Os processos hierarquizados verticalmente (abordagens tradicional e colaborativa) são mais indicados no início da formação, para que o discente tenha referenciais positivos e inspiradores. Profissionais mais experientes serão os responsáveis por desenvolver a capacidade de superar desafios, pela construção dirigida da resiliência necessária à carreira e dos alicerces da liderança. É imperativo que sejam identificados aqueles com maior dificuldade na arte de comandar, para que sejam colocados, com maior frequência, em situações de exposição, relevância e decisão. Essa sinalização permitirá um autoconhecimento que pode interferir, inclusive, na escolha da Qualificação Militar de Subtenentes e Sargentos (QMS), ou mesmo na reprovação do aluno por falta de aptidão para a carreira.

Os processos estruturados horizontalmente (individuais e coletivos) devem ser dispostos em fases mais avançadas, quando os alunos possuam suficiente maturidade e anseiem por lograr objetivos individuais. Sendo o pilar do *Ensino por Competências* aprender praticando o que se irá realizar posteriormente, o aluno terá a possibilidade de instruir seus pares e participar de exercícios de campanha, enquadrado em uma fração compatível com seu grau de instrução. Comandando ou sendo comandado, o processo favorecerá a construção do conhecimento, desenvolverá sua capacidade de trabalho em grupo, sua fluidez oral e sua desenvoltura e desinibição perante outros.

A confirmação da eficácia de um processo coletivo distribuído fica evidenciada quando um grupo de militares se une para “treinar” para um curso de especialização operacional ou para estudar para o concurso da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME). Nos dois exemplos, nota-se claramente a presença de um objetivo comum e de uma adesão voluntária comprometida. O desafio é aproximar essa realidade da formação do aluno, sendo ele o protagonista.

“

Na fase mais avançada da formação, o futuro líder deverá ser colocado em circunstâncias, ordinárias ou de campanha, sempre inéditas – inicialmente estáveis, mudando rapidamente para situação de condutas – obrigando à revisão do planejamento e ao raciocínio com rapidez, equilíbrio e eficiência. Esse objetivo pode ser alcançado por meio do fornecimento de dados imprecisos, falsos e/ou divergentes sobre a missão, o inimigo, o terreno, os meios disponíveis ou mesmo as condições climáticas.

”



A inteligência etnográfica será ampliada com a prática de cenários que abranjam questões culturais e éticas, envolvendo civis e minorias. Aspectos de natureza sociológica não podem ser esquecidos durante a formação dos líderes, que estarão em contato direto com a população nos combates assimétricos. Para isso, deve ser dada ênfase a exercícios que envolvam assuntos civis e atividades em área urbana, amiga ou hostil.

Todos os processos referentes à formação do líder, centralizados ou descentralizados, devem ser agudamente planejados, acompanhados e avaliados. As soluções apresentadas pelos instruídos, bem como suas decisões alternativas decorrentes da evolução dos exercícios, devem ser analisadas, mensuradas e discutidas por todos os participantes das atividades. É de valor inestimável dar sempre a oportunidade de retificar ou ratificar planejamentos, direcionar ensinamentos, estimular a aprendizagem e reconhecer os destaques.

É mister, ainda, sempre possibilitar a conexão entre competências, destacando-se aquelas relacionadas à liderança para o devido enfrentamento da guerra assimétrica do século XXI. Nesse sentido, merecem destaque aspectos tais como criatividade, adaptabilidade, iniciativa, trabalho em equipe e colaboração, comunicação oral, eficiência tática e técnica e competência cultural.

Ao promover essas atividades, estaremos praticando, na sua plenitude, o *ensino por competências* propagado pelo DECEX. Por meio da integração entre conhecimentos, habilidades, atitudes, valores e experiências com situações adversas simuladas nos exercícios no terreno, o Exército passa a forjar os futuros líderes das pequenas frações para atuarem em cenários de uma guerra de 5ª, 6ª ou 7ª geração. Estarão preparados para combater no mundo BANI (*brittle, anxious, nonlinear e incomprehensible*), termo cunhado pelo antropólogo e futurologista Jamais Cascio (2018).

“

Desafiadora é a missão de acreditar na manutenção da cultura institucional como cláusula pétrea, segundo a qual a formação do sargento é eminentemente prática (espartana), amparada na hierarquia e na disciplina e, ao mesmo tempo, na necessidade imprescindível de inovar na formação dos futuros líderes do Exército Brasileiro para o imprevisível mundo de 2050.

Em resumo, tudo o que foi apresentado deve vir acompanhado de um trabalho conjunto para potencializar o comprometimento do futuro sargento com a Nação Brasileira, com o nosso Exército e com nossos líderes militares, para que ele aja sempre com convicção no seu ofício. Aja
sempre com
fé na missão.

O brado continua o mesmo. Se antes a missão era explícita na ordem de operações, agora o futuro líder estará muito mais bem preparado para, identificando a intenção do comandante, lidar com as incertezas, a complexidade do ambiente operacional e com a responsabilidade de suas atitudes e decisões.

”

Referências

ADP 6-22 – Army Leadership and the Profession. *Department of the Army*. Washington, DC, jul 2019. Disponível em: < <https://capl.army.mil/Resource-Library/Doctrine/adp6-22.php> > Acesso em: 25 nov 2019.

CASCIO, Jamais. Facing The Age of Chaos. *Medium*. 29 abr 2020. Disponível em: < <https://medium.com/@cascio/facing-the-age-of-chaos-b00687b1f51d> > Acesso em: 23 jun 2022.

ELMORE, Richard. Leaders of Learning, 2018 (curso). Disponível em: < <https://courses.edx.org/courses/course-v1:HarvardX+GSE2x+3T2018/course/> > Acesso em: 10 mar 2019.

LIND, William S; NIGHTENGALE, Keith; SCHMITT, John F; SUTTON, Joseph W; WILSON, Gary I. The Changing Face of War: Into the Fourth Generation. *Marine Corps Gazette*. Out 1989. Disponível em: < https://www.academia.edu/7964013/The_Changing_Face_of_War_Into_the_Fourth_Generation > Acesso em: 10 dez 1989.

LIVIERATOS, Cole; SKIDMORE, Tyler. Preparando os líderes do Exército para a guerra futura. *Modern War Institute*. West Point, 17 jun 2022. Disponível em: < https://mwi-usma-edu.translate.goog/preparing-army-leaders-for-future-war/?_x_tr_sl=en&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt-BR&_x_tr_pto=sc > Acesso em: 10 jul 2022.





A importância do treinamento físico para o combate real

***1º Sgt Inf Victor Hugo do Carmo Gama**

Quando o assunto é o combate em situações de guerra, vem à memória a figura do soldado camuflado, armado e equipado, num pico de estresse físico e mental continuado. Fica claro e evidente que esse mesmo soldado, antes de entrar em qualquer situação dessa natureza, passou por diversos treinamentos, tanto gerais como específicos, modulando e adequando seu corpo em diversos ambientes, de forma que lhe permita obter condição necessária de estar ali, naquele momento, em um campo de batalha.

O treinamento físico militar (TFM) é uma prática imprescindível e poderosa, que permite aos integrantes do Exército Brasileiro (EB) obter a higidez militar necessária para desempenhar suas funções. Não existe tropa adestrada, com grande capacidade operacional e alto padrão de combatividade, se não há um cuidado prévio com a saúde física e mental. É por meio do TFM planejado, sistematizado e – o mais importante – de forma regular, ou seja, praticado diariamente, que a Força Terrestre (FT) se prepara, buscando permanentemente o estado de prontidão, o que permite cumprir seu papel constitucional.

*Victor Hugo do Carmo Gama é primeiro-sargento da arma de infantaria, da turma de 2003. É bacharel em Educação Física e especialista em treinamento de força com vasta experiência em avaliação, prescrição e elaboração de planos de treinamento. Realizou curso de monitor de Educação Física na EsEFEx e, atualmente, é pesquisador do IPCFEx.

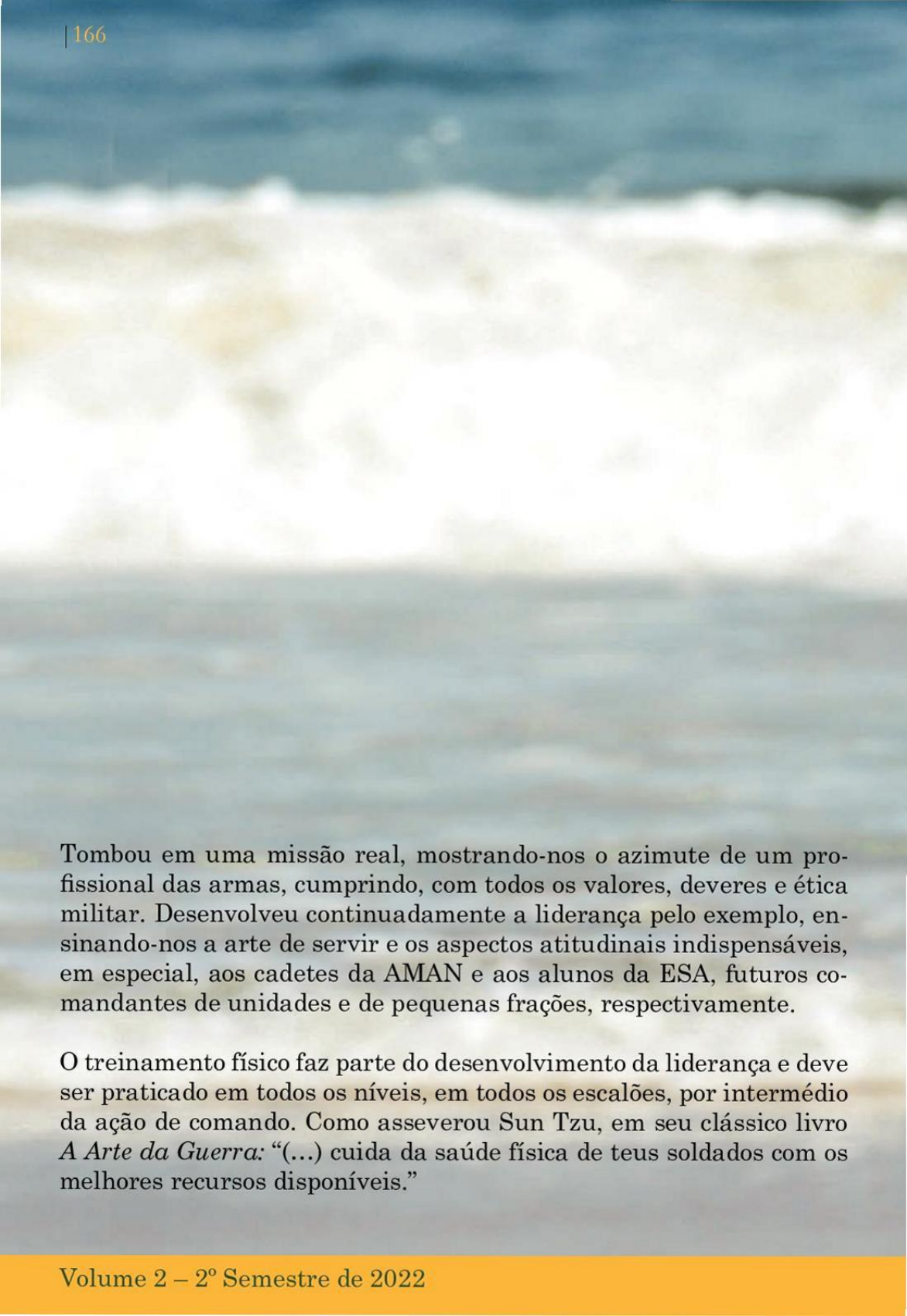
Como exemplo, podemos citar um dos nossos heróis da Força Expedicionária Brasileira (FEB) durante a Segunda Guerra Mundial. O sargento Max Wolf Filho (1911-1945) teve toda a sua carreira marcada por feitos valorosos e destacou-se inúmeras vezes por evidenciar grande vigor físico, rusticidade, coragem, camaradagem e solidariedade em campanha. Todos esses atributos têm forte correlação com o treinamento físico.





Além de ser um militar expoente, o sargento Max Wolf dispunha de uma grande afinidade com os exercícios físicos. Era professor de educação física e instrutor de jiu-jitsu em uma academia, na Quinta da Boa Vista. Fica nítido que a origem de sua pujança, destemor e confiança para obter êxito em tantas missões reais vinha de seu extraordinário condicionamento físico, servindo de exemplo para seus subordinados, pares e superiores hierárquicos.

Foi um sargento diferenciado. Além das qualidades citadas, Wolf revelou-se muito responsável e teve a confiança de seus comandantes. Dotado de invejável robustez, de liderança genuína, extremamente voluntarioso e com vasta experiência em combate, tornou-se rapidamente um assessor do comandante do batalhão, o major Jacy Guimarães. Por ser mais velho, transformou-se em uma figura paterna para os mais jovens. Por esse motivo, foi designado de forma recorrente para as missões mais perigosas e, mesmo assim, realizou voluntariamente dezenas de incursões em território inimigo.



Tombou em uma missão real, mostrando-nos o azimute de um profissional das armas, cumprindo, com todos os valores, deveres e ética militar. Desenvolveu continuamente a liderança pelo exemplo, ensinando-nos a arte de servir e os aspectos atitudinais indispensáveis, em especial, aos cadetes da AMAN e aos alunos da ESA, futuros comandantes de unidades e de pequenas frações, respectivamente.

O treinamento físico faz parte do desenvolvimento da liderança e deve ser praticado em todos os níveis, em todos os escalões, por intermédio da ação de comando. Como asseverou Sun Tzu, em seu clássico livro *A Arte da Guerra*: “(...) cuida da saúde física de teus soldados com os melhores recursos disponíveis.”





A atualidade da liderança do sargento Max Wolf Filho

***Profa. Dra. Débora Duran**

O sargento Max Wolf Filho é, reconhecidamente, um dos grandes heróis da Força Expedicionária Brasileira (FEB). Diversos autores, ao longo das últimas décadas, têm refletido sobre os aspectos pessoais e profissionais que fazem da biografia do “Rei dos Patrulheiros” um exemplo *sui generis* de liderança militar. Com base nos estudos historiográficos e nos textos que compõem este volume dos *Cadernos de Liderança Militar*, do ponto de vista pedagógico é possível identificar diversas lições que podem inspirar os líderes militares da atualidade.

A cronologia histórica do sargento Max Wolf revela que líderes não nascem prontos. O militar trabalhou desde a adolescência na torrefação de café de seu pai, serviu no 15º Batalhão de Caçadores (hoje 20º BIB), no Paraná; ingressou na Polícia Municipal, no Rio de Janeiro; e participou da Revolução Constitucionalista de 1932, combatendo os rebeldes. Antes de se apresentar como voluntário, aos 33 anos, e seguir para a Itália como integrante do 11º Regimento de Infantaria, o sargento Max Wolf já havia desenvolvido algumas competências profissionais exigidas para o enfrentamento das agruras da guerra. Era homem experimentado, reconhecido pelos superiores por sua coragem e destemor. Não se tratava de um amador que, de repente, se descobriu líder nos campos de batalha. Forjado na e pelas missões anteriores, o militar levou para o *front* uma mochila repleta de habilidades que foram aperfeiçoadas ao longo do tempo.

*Débora Castilho Duran Prieto Negrão de Souza é pedagoga, mestre e doutora pela Faculdade de Educação da USP. Realizou diversas especializações, além de estágio pós-doutoral na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME). É docente do quadro do magistério superior do Exército Brasileiro, pesquisadora e atua como assessora pedagógica na Assessoria de Liderança e Valores Militares do DECEX, na qual é editora dos *Cadernos de Liderança*.



Obviamente, falar de desenvolvimento não significa desprezar a força da individualidade, pois o militar, desde cedo, demonstrou traços de personalidade cuja importância não pode ser minimizada. Segundo depoimento de sua filha Hilda, o aluno Max, na escola, mostrava-se respeitoso e quieto, mas, em casa, era tão levado que, certa vez, pulou do segundo andar da torrefação de café, fugindo da mãe, e quebrou as duas pernas.

Anos mais tarde, o menino artilheiro tornou-se um homem obstinado, pois não se deu por vencido ao ser recusado como voluntário para a FEB em função de sua idade avançada e de seu estado de saúde. Diante do obstáculo, realizou uma cirurgia para resolver o problema da hérnia e atravessou o Atlântico enfaixado. Em solo italiano, apresentou-se como combatente destemido no comando das patrulhas que se infiltravam nas linhas defensivas do inimigo. Diante das evidências, podemos afirmar que o herói da FEB é uma síntese de personalidade e oportunidade, isto é, o sargento Max Wolf *tornou-se* líder militar.

De Sun Tzu ao Duque de Caxias e de Napoleão Bonaparte ao general George Patton, muitos são os líderes militares que registraram seus pensamentos e experiências como fontes de inspiração para os profissionais que atuam nas Forças Armadas. Do mesmo modo, dos filósofos gregos aos gurus da gestão e da inovação, há inúmeros estudos que apresentam ensinamentos úteis e valiosos sobre liderança. Dentre tantas contribuições, quando trazemos à memória a história do sargento Max Wolf, os estudos de Joseph Nye Jr sobre poder e liderança revelam-se oportunos e provocativos. O cientista político estadunidense ficou conhecido por cunhar os termos *hard power* e *soft power*, isto é, poder duro e poder brando.

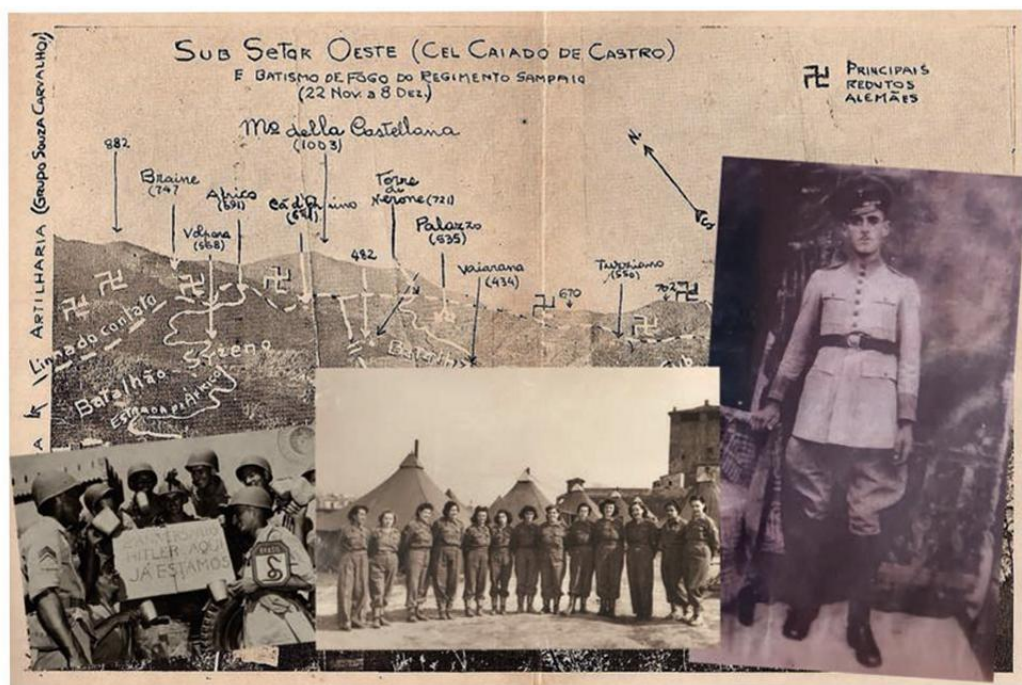
“

O poder duro está relacionado à capacidade de fazer com que o outro realize algo com base na utilização dos meios de demonstração de força, ou seja, da capacidade bélica ou financeira. O poder brando, por sua vez, diz respeito à capacidade de gerar atração para modelar desejos e influência para impactar a tomada de decisão, como é o caso da propaganda e da disseminação de certos padrões culturais e de valores. A combinação das *hard power* e *soft power* de maneira estratégica é denominada *smart power* ou poder inteligente.

”

Das ideias originais aplicadas às relações internacionais, o autor se vale dos mesmos conceitos para refletir sobre líderes, uma vez que a liderança não pode ser reduzida à emissão de ordens ou ações coercitivas, pois exige inteligência emocional, visão de futuro e habilidades de comunicação, inclusive não verbal.

Atualmente, no mercado de trabalho, existe uma aproximação terminológica utilizada para designar tanto as *hard skills* (habilidades técnicas) como as *soft skills* (habilidades interpessoais). Há, inclusive, um jargão corrente entre recrutadores e gestores, segundo o qual “as empresas contratam por competência e demitem por comportamento”. Como as habilidades interpessoais são mais difíceis de serem desenvolvidas do que as habilidades técnicas, um currículo recheado de diplomas, certificações e experiências já não é mais suficiente para atestar o perfil desejado pelas organizações. Nos dias atuais, para ser considerado um profissional inteligente – tanto no meio civil como militar – não basta apenas deter conhecimento, mas, antes e sobretudo, ter bom relacionamento.







A patrulha do Sargento Max Wolf Filho
Cel Pedro Paulo Cantalice Estigarribia

VIRTUDES DO HERÓI
SGT MAX WOLFF FILHO

EXEMPLOS AOS SARGENTOS
FORMADOS PELA

EsSA

ABNEGAÇÃO

ACÃO DE COMANDO

BRAVURA CONSCIENTE

CAPACIDADE DE LIDERANÇA

CONDUTA HEROICA

CONVICÇÕES DEMOCRÁTICAS

CORAGEM E DEDICAÇÃO

DESASSOMBRO PERANTE A MORTE

DESTEMOR

ELEVADO ESPÍRITO OFENSIVO

GESTOS DE SACRIFÍCIO

GRANDE INTREPIDEZ

INFLEXÍVEL DISCIPLINA

NOÇÃO DE CUMPRIMENTO DO DEVER

NOTÁVEIS QUALIDADES DE SEU CARÁTER

PACIÊNCIA E DETERMINAÇÃO

PATRIOTISMO

SANGUE FRIO

SEMPRE VOLUNTÁRIO PARA AS MISSÕES DIFÍCEIS

SENDO DE COLABORAÇÃO

SERENA ENERGIA

VIGOR FÍSICO

O sargento Max Wolf demonstrou, por meio de suas ações profissionais, ter habilidades técnicas ou *hard skills*. Como comandante de patrulhas, realizou ações de infiltração, remuniamento, reconhecimento, fez prisioneiros e resgatou feridos. Devido à sua experiência anterior em tropas e por ter sido professor de luta pessoal, sobressaiu-se pela higidez física, resistência e rusticidade. Foi soldado destemido, que aceitava as missões com prontidão e coragem.

Além das *hard skills*, o bravo paranaense também se destacou por suas habilidades interpessoais ou *soft skills*. As narrativas daqueles que conviveram com o febiano ressaltam suas habilidades de comunicação e vínculos de amizade construídos com seus superiores, pares e subordinados. Querido pelas tropas brasileira e americana, foi reconhecido como líder diferenciado por sua intrepidez e por dedicar especial cuidado aos seus comandados e atenção à sua filha Hilda por meio de uma correspondência gentil e amorosa. Depois da guerra, vários pracinhas foram visitá-la, pois queriam conhecer a “belezinha” idolatrada pelo saudoso pai.

Na guerra real contra o inimigo, o sargento Max Wolf venceu a batalha contra o medo. Nas palavras de Roskill (1989, p. 122) ao se referir aos líderes militares admiráveis, embora seja possível identificar e isolar todas as qualidades de inteligência e espírito e a capacidade física que produziram esses líderes, certamente não pode haver dúvida de que todos possuíam o desprendimento e a autodisciplina necessários para aceitar destemidamente o perigo e a morte. Não por acaso, o sargento corajoso foi, para o general Octávio Costa, o maior combatente que conheceu em sua vida. O elogio desse célebre oficial evidencia o respeito e a admiração de um superior que aprendeu lições de liderança em combate com o exemplo de seu subordinado. Tal postura respeitosa e respeitável demonstra que o desenvolvimento de líderes envolve hierarquia e disciplina, mas também humildade e reconhecimento.

“

O herói maior

Em apenas quatro meses de campanha, esse excepcional integrante do Onze impôs-se à confiança e à admiração dos soldados de todos os escalões hierárquicos, por sua bravura consciente, por sua inflexível disciplina, por suas convicções democráticas e por sua serena energia.

[...]

Morreu à frente de uma patrulha. Morreu à frente de seus homens, à luz do dia, cumprindo seu dever.
(COSTA, 1995, p.46)

”

Da Segunda Guerra Mundial aos dias atuais, o Sargento Max Wolf Filho permanece como uma referência de liderança militar. Palavras como corajoso, destemido, leal, desprendido e combatente extraordinário foram – e ainda são – utilizadas para qualificar o “Rei dos Patrulheiros”. Adicionalmente, vale lembrar o apelido “carinhoso”, adjetivo um tanto quanto peculiar para um sargento, mas que em momento algum comprometeu sua imagem como ícone de bravura. Como herói de guerra suas habilidades revelam a face de um militar competente que dignifica os anais da história do Exército Brasileiro e a alma de um líder inteligente capaz de cumprir missões ao conquistar mentes e corações. Das memórias do *front* real à atualidade da inteligência artificial, Max está presente em nossos corações e mentes.

Referências

- ROSKILL, Stephen Wentworth. **A arte da liderança**. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1989.
- NYE, Joseph S. **O talento para liderar**. Rio de Janeiro: BestSeller, 2011.
- COSTA, Octávio. **Cinquenta anos depois da volta**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1995.



Carreira virtual do Max (página 36)



Vídeo: O outro lado de um herói





Programa de Leitura: O Espírito do Guerreiro

*Profa. Dra. Débora Duran

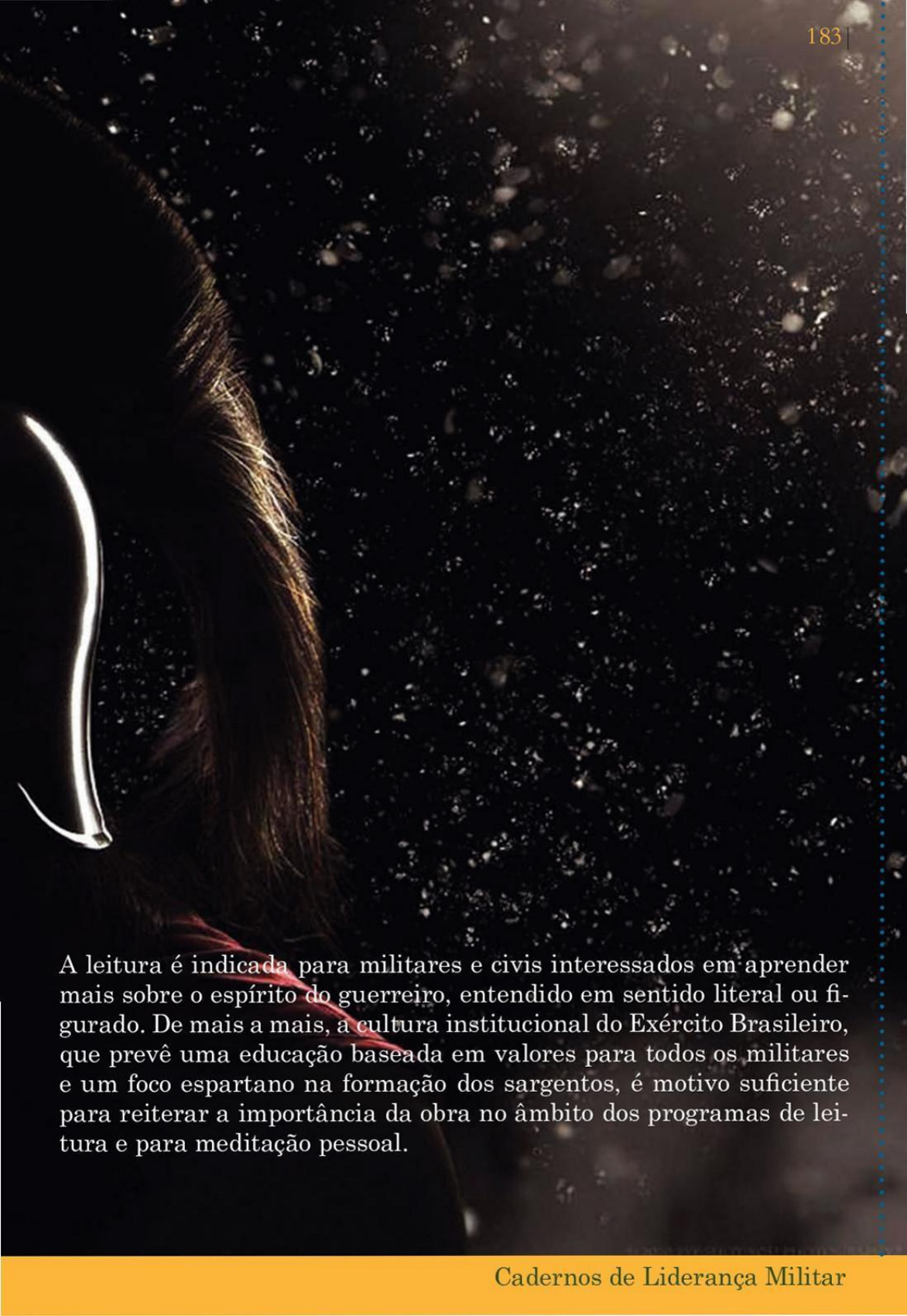
O Espírito do Guerreiro, de Steven Pressfield, é uma obra dirigida especialmente – mas não exclusivamente – a homens e mulheres fardados. As reflexões apresentadas no livro servem de inspiração para quem enfrenta batalhas cotidianas para atingir objetivos e defender a integridade. Somos todos guerreiros e, nas lutas diárias, precisamos aprender a refletir sobre o código de honra que orienta nossas ações.

O autor inicia o texto com uma máxima de Plutarco: “Os espartanos não perguntam quantos são os inimigos, mas onde eles estão”. A obra recupera algumas histórias da Esparta antiga com especial ênfase no papel social das mulheres para, então, apresentar o *ethos* e as virtudes do guerreiro. O objetivo de Pressfield é apresentar as atitudes, valores e características necessárias para vencer inimigos com honra e coragem.

*Débora Castilho Duran Prieto Negrão de Souza é pedagoga, mestre e doutora pela Faculdade de Educação da USP. Realizou diversas especializações, além de estágio pós-doutoral na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME). É docente do quadro do magistério superior do Exército Brasileiro, pesquisadora e atua como assessora pedagógica na Assessoria de Liderança e Valores Militares do DECEX, na qual é editora dos *Cadernos de Liderança*.



O livro está dividido em três partes: *Academias de Guerra*, *A guerra exterior* e *Guerras internas*. Na primeira parte, são apresentadas breves reflexões sobre mãos implacáveis e alguns pares dicotômicos, tais como: certo e errado, culpa e desonra, meninos e homens. Na segunda parte, o autor analisa os motivos pelos quais “os espartanos se tornaram espartanos” e enfatiza o valor da abnegação, bravura, dever, pátria e desejo de vitória. Na terceira e última parte, o foco recai sobre o mundo civil, guerra íntima, disciplina, autodisciplina e maturidade.



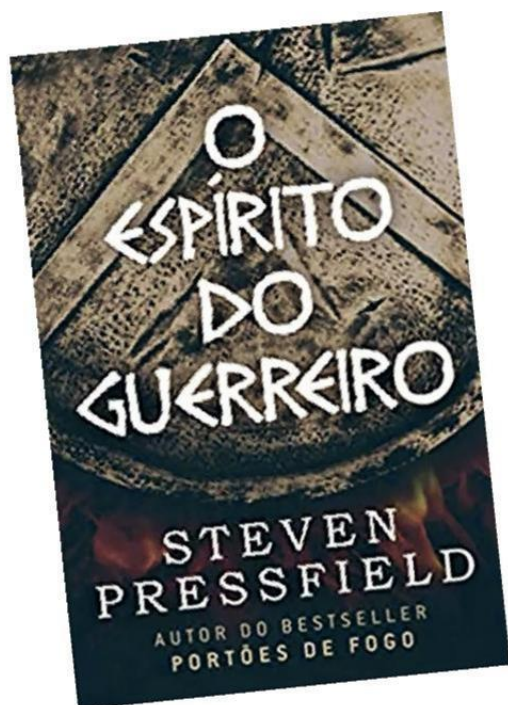
A leitura é indicada para militares e civis interessados em aprender mais sobre o espírito do guerreiro, entendido em sentido literal ou figurado. De mais a mais, a cultura institucional do Exército Brasileiro, que prevê uma educação baseada em valores para todos os militares e um foco espartano na formação dos sargentos, é motivo suficiente para reiterar a importância da obra no âmbito dos programas de leitura e para meditação pessoal.

“

O Espírito do Guerreiro foi escrito para homens e mulheres de uniforme, mas espero que sua utilidade não se limite à esfera do conflito armado literal. Todos nós enfrentamos batalhas – no trabalho, na família e além, no vasto mundo. Cada um de nós luta diariamente para definir e defender objetivos e a integridade, justificar nossa existência no planeta, e entender, ainda que só no coração, quem somos e em que acreditamos.

Somos todos guerreiros. Lutamos sob um código? Se sim, que código é esse? Qual é o Espírito do Guerreiro? Como usamos e como podemos usar esse código e ser fiéis a ele na vida interior e no mundo?
(PRESSFIELD, 2020, p. 12)

”



Steven Pressfield graduou-se na Duke University e serviu no Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos. É roteirista, autor de vários livros sobre guerra, destacando-se *Portões de Fogo*, *A Porta dos Leões* e *Como superar seus limites internos*, sua obra mais recente em que busca esclarecer a natureza do inimigo interno que habita em nós e que precisa ser enfrentado na batalha da vida. Em 2003, foi contemplado com o título de cidadão honorário de Esparta, na Grécia.

PRESSFIELD, Steven. **O Espírito do Guerreiro**. São Paulo: Contexto, 2020.





Imagens

BIBLIEx – <http://www.bibliex.eb.mil.br/>

Centro de Comunicação Social do Exército

O Exército Brasileiro na Segunda Guerra Mundial

<https://pt.calameo.com/exercito-brasileiro/read/001238206caf633a1d52b>

Revista Verde-Oliva 250 – FEB 75 anos

<https://pt.calameo.com/exercito-brasileiro/books/001238206fc95ea4ca3d5>

EBAcervo – <http://ebacervo.eb.mil.br/items/show/298>

Escola de Sargentos das Armas (ESA) <https://esa.eb.mil.br/index.php/pt/espaco-cultural>

Exército Brasileiro – www.eb.mil.br

Pixabay – www.pixabay.com

Projeto Museu Brasil – www.museubrasil.org

Museu do Expedicionário – www.museudoexpedicionario.5rm.eb.mil.br



Desde 1949
“A Gráfica do Exército” - Compromisso com a Qualidade

Impressão e Acabamento
Gráfica do Exército

Al. Mal. Rondon - Setor de Garagens - QGEx - SMU - Brasília-DF - CEP 70630-901
<http://www.graficadoexercito.eb.mil.br> / divcmcl@graficadoexercito.eb.mil.br



**Preservando valores,
forjando líderes.**